



MEMÓRIA SOCIAL NA ESCOLA



Fundação
Joaquim Nabuco
Editora Massangana

ORGANIZAÇÃO

Isabelle dos Santos França

Mariana Ratts Dutra

Maurício Antunes Tavares

MEMÓRIA SOCIAL NA ESCOLA

Recife, 2016



**Fundação
Joaquim Nabuco**
Editora Massangana

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco – Biblioteca)

F 814m França, Isabelle dos Santos; Dutra, Mariana Ratts; Tavares,
 Maurício Antunes (Org.).
 Memória social na escola / Isabelle dos Santos França;
 Mariana Ratts Dutra; Maurício Antunes Tavares – 2016.
 113p.: il.

ISBN 978-85-60411-10-8

1. Museu. 2. Escola. 3. Memória. I. Título

CDU 069.013:37

INTRODUÇÃO

PARTE I | MUSEU, MEMÓRIA E ESCOLA

O MUNDO, O MUSEU, A ESCOLA E A COMUNIDADE

OBJETIVOS DO PROJETO MEMÓRIA SOCIAL NA ESCOLA

HISTÓRIA ORAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO

MAPA CONCEITUAL E METODOLÓGICO DO PROJETO

MEMÓRIA SOCIAL E PRÁTICAS EDUCATIVAS

PARTE II | A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE MEMÓRIA SOCIAL NA ESCOLA

ARTICULAÇÃO E ADESÃO DAS ESCOLAS

ENCONTROS DE FORMAÇÃO

MOBILIZAR E ENVOLVER A COMUNIDADE ESCOLAR

MUSEU COMO PARCEIRO DO PROJETO

PARTE III | NARRATIVA DO PROJETO NAS ESCOLAS

ESCOLA ESTADUAL DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO OLINTO VICTOR

ESCOLA MUNICIPAL JOAQUIM NABUCO

ESCOLA MUNICIPAL MINISTRO ANDRÉ CAVALCANTI

ESCOLA MUNICIPAL NOVO PINA

ESCOLA MUNICIPAL OCTÁVIO DE MEIRA LINS

PARTE IV | CADERNO DE PROPOSITURAS

ANEXO – MODELO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL

REFERÊNCIAS

FICHA TÉCNICA

INTRODUÇÃO

Como se dá o processo do recordar? O sociólogo Maurice Halbwachs¹ afirma que o ato de recordar se dá de maneiras diversas. Como as portas do corredor da casa da nossa avó que não visitamos há muito tempo. Cada porta que abrimos nos permite acessar uma parte diferente do imóvel: ora a sala, ora a cozinha, o quarto... E nesse movimento, somos capazes de lembrar várias situações vivenciadas em cada um desses cômodos. Porém, de acordo com Halbwachs, tudo que vivemos ao longo dos anos nos conduz a fazer novas associações e a ter outras sensações, mesmo estando, aparentemente, no mesmo lugar. A mesa da cozinha, por exemplo, pode não nos parecer tão alta quanto antes, então não teremos a mesma dificuldade de quando criança para alcançar o que ali está posto. Porém, somos capazes de relatar momentos ali passados, os sabores e cheiros das comidas, as brincadeiras, as conversas... E isso ocorre porque aquilo que nos toca, ou seja, as permanências e ausências do nosso passado ficam, podendo ser visitadas em nossa mente. E a cada visita, encontramos ou desencontramos algo, como os móveis que foram mudados de lugar.

O resultado desse movimento de ir e vir com o que está em nosso passado denominamos **memória**. E esta memória pode ter sido construída apenas através da minha interação com algum evento, ou por meus parentes, amigos, vizinhos, cidadãos... Ela pode fazer parte de um conjunto maior de pessoas que compartilham experiências em comum num dado local, sob condições semelhantes. E esta condição de lembrar situações, fatos, eventos, histórias e sensações que são parte da construção de um grupo maior, que fazem parte de um fenômeno social, nomeamos **memória social**. Quando afirmamos que a memória é social, a imbuímos de um sentido social, como instrumento que traz consigo a história de práticas sociais e valores culturais característicos de determinado grupo, através da qual é possível refletir acerca de sua função enquanto elemento de preservação de aspectos que compõem a identidade de um grupo. De acordo com Michel Pollak², a memória é tão imponente e representativa quanto o próprio grupo, ou seja, além de trazer ao presente importantes processos de construção dos elementos que formam a sua identidade, também o fortalece, contribuindo para a continuidade de sua existência.

Quando tratamos do tema memória, é comum lembrarmos do museu, já que é conhecido por ter a função de conservação de objetos representativos das memórias de vários grupos sociais. Sabemos, porém, que muitos são aqueles que não são representados nas exposições abertas à visitação. Num movimento de democratização da construção do conhecimento, o Museu do Homem do Nordeste (Muhne), através do projeto **Memória Social na Escola**, busca, portanto, uma maior aproximação da instituição escolar, em um processo dialógico no qual museu e escola, de forma integrada, discutam a importância da memória social na dinâmica escolar, e como este movimento pode ser importante para maior conhecimento da história e fortalecimento das comunidades onde as escolas estão inseridas.

Neste e-book, apresentamos nossas experiências, sensações, incertezas, acertos e erros no primeiro ano de implementação do projeto, 2015. Aqui, estão os principais caminhos metodológicos utilizados durante sua execução. Em um primeiro momento, procuramos aprofundar a discussão acerca da importância da relação entre museu, escola e comunidade, e como se dá esse processo em meio a intensas transformações que o mundo ocidental tem enfrentado nos últimos 30 anos. Apresentamos ainda a estrutura do projeto, na qual destacamos a importância da história oral como instrumento metodológico. É possível ter acesso a textos que mostram como se deu o processo de escolha e sensibilização das escolas, a construção da metodologia de trabalho e, finalmente, como se deu o dia a dia do projeto em cada uma das cinco escolas que estiveram conosco nesta primeira edição da iniciativa, a partir de suas narrativas.

Ao longo deste livro, é possível ainda perceber que a metodologia do projeto está apresentada através de um mapa conceitual. Durante as atividades com as escolas, foram construídos mapas afetivos referentes ao local onde os alunos vivem e/ou onde a escola está localizada. Encanta-nos os mapas. Eles apresentam a representação bidimensional de espaços que, na verdade, são tridimensionais. Mas mapas não indicam. Eles possibilitam. São várias as possibilidades apresentadas para se chegar ao destino. E, apesar de podermos planejar o caminho, não sabemos ao certo o que nos espera. Não é possível dar conta, num pedaço de papel, da tridimensionalidade do espaço. Da mesma forma é este e-book. Ele é um mapa. Você pode traçar sua maneira de chegar ao caminho. Ou seja, você pode, a partir deste texto, construir sua própria forma de discutir e refletir sobre a importância da **memória social onde você está**. Sempre haverá algo de novo. O mapa é só uma representação. Quem dá conta do real somos cada um de nós.

¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990

² POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p. 2 a 15, 1989.

PARTE I | MUSEU, MEMÓRIA E ESCOLA

1

O MUNDO, O MUSEU, A ESCOLA E A COMUNIDADE

A Terra é a casa de todos nós! Se é fato que aumenta, a cada dia, a preocupação das pessoas com relação ao meio ambiente, vale lembrar que nem sempre foi assim – pelo menos no contexto ocidental moderno. Até meados do século passado, falava-se ou estudava-se muito pouco sobre os impactos da ação humana – principalmente da sua atividade produtiva – no meio natural que nos cerca. O sentimento de que a casa onde vivemos, e exercitamos essa experiência monumental chamada vida, está sendo ameaçada pela superexploração dos recursos naturais, que não são renováveis, é recente, assim como a valorização da ecologia – termo originado das palavras gregas *oêkos*, que quer dizer casa, e *logos*, que significa estudo. A ecologia, portanto, vem nos ajudando a entender que partilhamos de um destino comum.

O fortalecimento dessa consciência ecológica nos faz compreender a vida humana como sendo indissociável de um sistema – que é interdependente e entrelaça o destino da humanidade às condições de vida no planeta – e, conseqüentemente, a responsabiliza pela forma como trata os recursos naturais. Somos, afinal, a forma de vida dominante – 7 bilhões de seres em 2015 – e a que desenvolveu tecnologias intensivas de transformação dos ambientes naturais. Esse sentimento de ser parte de um ecossistema global também vai sendo reforçado pela inserção das pessoas em outro sistema global, o da cultura, por meio das redes digitais de comunicação em escala planetária, o que resulta na intensificação das trocas materiais e simbólicas. Essa fase da globalização, caracterizada pela revolução digital nas comunicações, gera uma nova chave de categorização dos indivíduos e grupos sociais, diferente, e ao mesmo tempo entrelaçada, em relação às demais classificações sociais – classe social, gênero, geração, grupo étnico-racial etc. Isso acontece ao tomarmos como referência o grau de inserção das pessoas em

redes comunicacionais, virtuais ou físicas, definindo, assim, qual posição ocupam numa escala que vai da conexão à desconexão.

Se por um lado a revolução digital, cujo desfecho não há como antecipar, possibilita o rastreamento das comunicações entre usuários de internet e telefonia, tornando possível o aumento do controle e da vigilância sobre a vida das pessoas, por outro tem produzido a intensificação dos contatos interpessoais. Além disso, ao prescindir do contato físico, gera um boom de compartilhamentos de imagem, voz e escrituras. A proliferação dos arquivos digitais embaralha e, ao mesmo tempo, desafia as concepções, os critérios, os métodos e as tecnologias até então utilizadas para selecionar, classificar e armazenar os conhecimentos produzidos. Se tomarmos como exemplo a fotografia, a partir do advento do suporte digital, quantas bilhões de fotos serão feitas em um ano no mundo? Destas, quais serão ou deveriam ser armazenadas como documento da vida, em determinado espaço-tempo, para servir de fonte às futuras gerações?

A tecnologia digital tem possibilitado o registro de experiências e acontecimentos em lugares tão diferentes e distantes que acaba contribuindo para o conhecimento de culturas e costumes de povos dos quais, muitas vezes, nem ouvimos falar. Na ampliação do conhecimento do outro, amplia-se também a consciência das diferenças e particularidades entre os humanos, provocando, paralelamente ao sentimento de pertencimento ao mundo, o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento local. Pelo reconhecimento de que somos múltiplos diferenciados, podemos valorizar nossos modos de viver, voltando nosso interesse para o que nos cerca, como o patrimônio de conhecimentos e saberes do nosso cotidiano, dos lugares onde vivemos. O lugar de pertencimento pode estar mais vinculado ao campo do simbólico do que ao físico, ou seja, o pertencimento a uma comunidade de interesse, que se agrupa para ocupar um espaço social, não depende necessariamente da localização geográfica de seus integrantes.

É possível observar esse fenômeno nas redes sociais, onde as pessoas expressam suas preferências e ligações a grupos sociais com os quais compartilham ideias, ideais e interesses em comum. Nesse contexto, em que há uma multiplicação exponencial de arquivos de texto, voz e imagem, podemos compreender a preocupação das pessoas em guardar, colecionar, recolher signos e símbolos de seus deslocamentos, feitos e relacionamentos, como forma de preservar a memória de sua existência. A memória representa uma forma de participação das pessoas no domínio público, que é o domínio da política em seu sentido abrangente, de administração da coletividade, das dimensões da vida que atingem toda a sociedade, das significações partilhadas por uma comunidade.

Para a filósofa Hannah Arendt³, a crise da sociedade moderna vem dessa perda do sentido de responsabilidade comum que as pessoas devem partilhar sobre as condições de existência de seu mundo

e o legado que vamos deixar às gerações futuras. Nas sociedades contemporâneas, a tradição entra em declínio com a valorização do que é novo, em um movimento de extrema aceleração das mudanças. Com o declínio da tradição, perde-se uma gama de ideias, práticas sociais, saberes e valores que caem no esquecimento e no desinteresse, especialmente para as novas gerações. Perde-se a memória das experiências humanas. É aí que o problema se aproxima do campo da educação, uma vez que sua função seria a de socializar os novos membros de uma sociedade em sua tradição cultural específica. A educação é, nos termos de Arendt, um segundo nascimento, uma nova natalidade⁴, ou seja, o nascimento do ser social: “a entrada no mundo das realizações simbólicas e materiais de uma cultura e, ao mesmo tempo, a esperança de sua renovação” pelo advento dos novos. Para ela, a renovação do social não pode prescindir da memória:

Estamos ameaçados de esquecimento, e um tal esquecimento – pondo inteiramente de lado os conteúdos que se poderiam perder – significaria que, humanamente falando, nos teríamos privado de uma dimensão, a dimensão da profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação.⁵

O ato de recordar é seletivo, intencional e emocional, sendo humanamente impossível recordar-se de tudo. A memória, então, é feita de lembranças e esquecimentos, é uma narrativa sobre o vivido que revela a perspectiva do narrador sobre os acontecimentos e, simultaneamente, revela um pouco de quem ele é. Por isso, para a filósofa, a memória é a própria expressão da profundidade da existência humana. Não é um discurso sobre o passado, mas uma forma de relacionar o presente com as relações sociais vividas, com as experiências sentidas e com os ensinamentos apreendidos. A memória contribui para produzir sentidos e significados sobre o presente e, neste sentido, projeta-se para o futuro. Sendo assim, é também uma forma de expressar pertencimento a um grupo, levando as pessoas a apreender e a participar da memória coletiva e dos significados que ela expressa, tornando-se parte de uma comunidade afetiva. A memória, então, seja a social ou a individual, constitui uma “utopia necessária e estratégica”, no plano simbólico e relacional, para a afirmação ou a retomada das identidades sociais que se sentem ameaçadas em sua existência.

Esse movimento coletivo produz engajamentos, rituais, festas, estabelecimento de épocas e lugares de memória, produzindo os arquivos que dão materialidade à memória social. No contexto das lutas democráticas e da busca por novas formas de participação política, ao lado da valorização das fontes orais na produção do conhecimento histórico e cultural, os movimentos sociais ligados às minorias buscam a consagração de novos “lugares de memória”, na intenção de preservar os signos, símbolos e

significados que caracterizam seus modos de vida e de impedir a ação do esquecimento.

Assim, a memória social repercute na questão da democratização da sociedade, pois vai além da intenção de incluir um maior número de pessoas, estando relacionada também aos processos de reconhecimento dos grupos sociais minoritários e de sua participação efetiva nas políticas públicas. Isso pode ser verificado na reivindicação pelo reconhecimento dos processos e lugares de memória representativos dos grupos minoritários, a exemplo dos museus indígenas, museus de território, museus de terreiro, ecomuseus, museus de comunidade e outras formas de organização social que reivindicam ser identificadas como museu, revelando a astúcia na formulação de uma estratégia legitimada socialmente para a participação ativa nas políticas públicas do campo cultural.

Essa concepção dinâmica de museu, ainda que já estivesse presente no campo da museologia há algum tempo, produz tensionamentos com os grupos sociais dominantes no campo das políticas culturais, uma vez que estabelece uma luta simbólica em torno das noções de identidade e cultura nacional. Nesse sentido, há uma denúncia de que esse processo de construção é fruto de esquecimentos e apagamentos dos artifícios violentos a que foram submetidos povos indígenas, negros e mestiços pobres, excluídos dos benefícios do projeto modernizador da sociedade brasileira. À denúncia de que o nacional é resultado de uma homogeneização excludente, soma-se outra: de que a forma como são representados, no plano simbólico, os negros, índios, mestiços, bem como outros grupos minoritários ou vulnerabilizados socialmente, resulta de preconceitos e estereótipos que são criados sobre esses grupos a partir de uma perspectiva etnocêntrica das posições dominantes. Assim colocadas, as lutas por identidades revelam-se fundamentais, portanto, para a democratização da sociedade brasileira e fazem dos museus um dos palcos dessas lutas.

Como lugar de tensões, memórias e esquecimentos historicamente constituídos, os museus vinculam-se às temporalidades e peculiaridades de cada meio social e são, portanto, passíveis de revisões e reinterpretações em sua função e seu papel social. Por isso, para atender à necessidade de atualização e reinvenção institucional, os museus devem desenvolver a capacidade de “reflexividade”⁶, ou seja, de refletir as dimensões dos debates atuais da sociedade, por meio de exposições e ações educativas e culturais, buscando dar visibilidade às diferentes posições sociais existentes a partir de temas como identidade, representatividade, patrimônio, memória, sexualidade, religiosidade, genética, biotecnologia, direito cultural e tantos outros temas presentes nas relações entre Estado, agentes privados e sociedade civil.

Historicamente, os museus, na condição de agências institucionalizadas como guardiães da memória coletiva, atuaram de forma a atender os grupos que detêm a hegemonia do poder econômico, político e

simbólico. Cabe, agora, diante dessa agenda política tratada rapidamente neste texto, atuar com vistas a incrementar as formas de participação social na concepção, no desenvolvimento e no controle das políticas públicas, considerando as demandas por reconhecimento das identidades coletivas e da memória social de grupos minoritários e vulnerabilizados pelos processos de modernização excludentes no Brasil, na perspectiva de aprofundar os processos de democracia participativa.

Neste sentido, o Museu do Homem do Nordeste (Muhne) procura construir outra forma de relacionamento com a sociedade, especialmente com as pessoas das comunidades vizinhas aos seus equipamentos culturais, localizados na Região Metropolitana do Recife, e com os estudantes das escolas públicas da educação básica. Partimos da necessidade de extrapolar os limites institucionalizados nessa relação, em que o museu recebe esses públicos, mas não vai até eles, a não ser em ações esporádicas e pontuais. Partimos também da vontade de incorporar outras formas de representação, de pensar sobre si e sobre o outro; outras perspectivas e visões de mundo. Partimos, portanto, da vontade de ser um agente ativo na renovação das representações sobre o nacional brasileiro, sendo um museu que nasce de uma perspectiva regionalizada dessa nacionalidade, a partir de uma região historicamente construída como sendo atrasada e reativa ao projeto modernizador nacional. Partimos ainda da necessidade de revelar que o Nordeste não pode ser representado como sendo unicamente o lugar do rústico, do tradicional, do atrasado, como nas representações construídas a partir do viés focado na dualidade centro-periferia, mas tratado como uma região com uma dinâmica sociocultural própria, produtora de riquezas materiais e simbólicas; como uma região integrada, desde os tempos coloniais, à dinâmica global.

Não podemos esquecer que o Nordeste, como as demais regiões brasileiras, é plural e multifacetado, abriga diferentes linguagens e sotaques, onde vivem dezenas de povos indígenas e comunidades quilombolas, em um interior dinâmico, que conta com uma rede de cidades médias conectadas às pequenas cidades e às grandes capitais. Há ainda, em seu território, regiões onde a produção agrícola é intensiva e conectada aos mercados internacionais, bem como lugares onde predomina a agricultura familiar. E assim se sucede também no campo da cultura, no qual artistas e mestres da cultura popular buscam melhores condições de atuação em um cenário em que atuam produtores culturais, artistas e instituições trabalhando na lógica competitiva da indústria cultural. Diante desse contexto, interessa ao Muhne as iniciativas fortalecedoras das comunidades e dos grupos socialmente mais vulneráveis, e por isso tem se voltado para uma atuação mais próxima das comunidades.

O projeto **Memória Social na Escola** parte das premissas de fortalecimento dos processos de democracia participativa e da necessidade de reinventar a relação do Museu do Homem do Nordeste com as comunidades e as escolas, que se constituíram, historicamente, como os seus principais públicos.

Neste projeto, o Muhne leva à escola uma ideia, uma proposta de ação conjunta capaz de reforçar o que é próprio da missão escolar – produzir conhecimentos contextualizados – e também uma metodologia para fazer a construção desse conhecimento, tomando como base a memória social da comunidade onde ela está inserida. Museu, Escola, Comunidade: este é o tripé do projeto. Acreditamos que a relação museu-escola-comunidade evidencia as potencialidades de cada um destes espaços, contribuindo, assim, para que:

- a) **a comunidade** tenha seus saberes e patrimônios culturais estudados, sistematizados e difundidos pela escola e pelo museu, e sejam reforçados os sentimentos de pertencimento que favorecem a coesão e o enfrentamento dos desafios e problemas sociais;
- b) **a escola** percorra caminhos formativos (currículos), que a levem a construir conhecimentos contextualizados para as comunidades às quais pertence, e atue como uma instituição local de promoção ao desenvolvimento comunitário;
- c) **o museu** amplie as possibilidades de formação e intercâmbio de acervos, multiplique as oportunidades de comunicação e se renove pela ampliação do papel de agência social de preservação da memória, atuando ativamente na promoção dos processos de reconhecimento das identidades e memórias coletivas das minorias e dos grupos vulnerabilizados.

2

OBJETIVOS DO PROJETO MEMÓRIA SOCIAL NA ESCOLA

O projeto **Memória Social na Escola** representa uma possibilidade de construção coletiva de conhecimentos envolvendo o Museu do Homem do Nordeste (Muhne), as escolas da rede pública de ensino e as comunidades onde elas estão inseridas. Museu e escola atuam colaborativamente, cada um com sua expertise própria, mas ambos vistos como construtores e multiplicadores de conhecimento e da humanização do ensino. Entende-se, aqui, humanização do ensino como a aproximação que o trabalho com memória social propicia entre diferentes gerações, colocando em interação alunos, professores e pessoas das comunidades, que, ao narrar suas histórias de vida, compartilham modos de viver, produzir,

cuidar do corpo, morar, bem como costumes, tradições culturais e modos de perceber e dar significado ao mundo, aos fatos e às mudanças sociais que marcaram suas vidas e o contexto da sua comunidade.

Assim, o projeto Memória Social na Escola permite o desenvolvimento de conteúdos das áreas de Humanidades, Comunicação e Cultura Visual, tendo como eixo transversal a linguagem textual e o trabalho com as novas tecnologias digitais e os dispositivos móveis, considerando a popularização dessas tecnologias e a familiaridade que os estudantes têm com elas. Tendo em vista esses aspectos, o **objetivo geral** do Memória Social na Escola é expresso da seguinte forma:

Promover o trabalho colaborativo entre museu e escola, com vistas à construção de conhecimentos contextualizados, contribuindo para o aperfeiçoamento do currículo escolar, o fortalecimento das relações museu-escola-comunidade e a valorização das identidades coletivas nas comunidades envolvidas.

Deste objetivo geral derivam os seguintes **objetivos específicos**:

- a) realizar formação continuada de gestores e professores escolares, educadores e técnicos do museu, focada nas especificidades do trabalho com memória social e na construção de projeto pedagógico relacionado à memória da comunidade;
- b) construir conteúdos disciplinares relacionados a Humanidades, Comunicação e Cultura Visual, com base em pesquisas documentais e entrevistas realizadas pelos alunos na comunidade;
- c) socializar os conhecimentos produzidos para o conjunto da escola, da comunidade e da sociedade brasileira, por meio de produtos visuais (culturais) construídos colaborativamente entre escola e museu (exposições, vídeos, publicações etc.).

3

HISTÓRIA ORAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO

O conhecimento do processo histórico é fundamental para a formação da identidade de um país, de uma comunidade, de um grupo. É por meio da História que o indivíduo desenvolve a noção de identidade e o

senso de pertencimento a determinado grupo social. O trabalho de organização e registro das memórias traz a possibilidade de exteriorizar ricas experiências, valorizando os diferentes atores sociais e ampliando o sentido das trajetórias e das escolhas para a compreensão de uma dada realidade. A coleta e o registro de testemunhos é um forte instrumento para o incremento do processo de preservação da identidade de uma comunidade e de seus saberes locais.

O desenvolvimento do projeto **Memória Social na Escola** está baseado nos princípios básicos da moderna História oral, uma metodologia de trabalho na qual as informações trazidas pelo narrador são registradas em áudio ou vídeo e se transformam em fontes de pesquisa. Assim:

História oral é um recurso moderno de apreensão de fontes orais que se tornam registros de situações que se comportam em três ramos principais: *história oral de vida*; *história oral temática* e *tradição oral*. Cada um destes itens implica procedimentos próprios, independentes, mas que se encaminham para os mesmos objetivos, isto é, favorecer estudos de *memória* e *identidade*.⁷

No entanto, o trabalho com a memória não se reduz apenas ao ato do narrador relembrar experiências do passado, mas, sim, ordená-las, revisitá-las, fazendo uma reflexão sobre os fatos ocorridos. Para o ouvinte, que neste caso é o grupo de alunos, o trabalho com a memória representa a possibilidade de desenvolver uma atitude mais proativa, crítica e construtiva em relação à sua realidade e ao seu próprio processo histórico, fortalecendo o protagonismo juvenil e colaborando, assim, para alavancar processos de mudanças sociais para a educação, a comunicação e o desenvolvimento comunitário.

Ao se utilizar a História oral como recurso pedagógico, o professor pode desenvolver uma série de atividades que visam a uma formação mais integral do aluno. Isso permite a criação de um ambiente favorável para a articulação dos saberes locais – trazidos pelas narrativas – com os conteúdos formais do currículo escolar. Além disso, este tipo de projeto favorece o trabalho em grupo, a autonomia do aprendiz, o interesse por novos conhecimentos, a melhoria das relações intergeracionais, a capacidade de lidar com as novas tecnologias digitais de forma construtiva e, até mesmo, o despertar de vocações diversas nas áreas da escrita, da imagem, do ensino, entre outras.

Trata-se, sem dúvida, de uma experiência de aprendizagem positiva e significativa, na qual se articulam os conhecimentos que o aluno já possui com o conteúdo trazido pelo narrador. É uma proposta que pretende aguçar a curiosidade e o prazer das descobertas por meio de reflexões mediadas pelo professor. Porém, tanto o gestor como o professor devem estar em alerta para fazer as conexões que o projeto Memória Social na Escola tem com os conteúdos curriculares propostos para cada etapa da vida escolar

dos alunos, em especial os que se referem ao letramento e à alfabetização, bem como aos estudos das ciências e dos campos das artes.

Um projeto como este deve ser visto como um aliado em sala de aula, para motivar os alunos, despertar o senso crítico e construtivo, e ajudar a fazer conclusões. O elemento crucial a ser observado é o percurso de aprendizagem e não apenas a exibição de um produto final visivelmente agradável.

Resumindo, o trabalho que envolve História oral em sala de aula tem diversas características positivas, tais como:

- a) prioriza o trabalho em equipe, a colaboração e o respeito ao próximo;
- b) favorece o relacionamento intergeracional;
- c) recoloca o idoso no papel de transmissor de conhecimento;
- d) aproxima a escola da comunidade onde ela está inserida;
- e) favorece a compreensão do passado da sua comunidade e propicia reflexões para as transformações que estão por vir;
- f) trabalha o sentimento de inserção e pertencimento;
- g) aguça a curiosidade e leva o aluno a descobrir o prazer da reflexão e do levantamento de hipóteses;
- h) desenvolve no aluno o gosto pela pesquisa e pelo aprender a aprender;
- i) propicia o uso das tecnologias digitais de maneira crítica e construtiva;
- j) desperta novas vocações.

MAPA CONCEITUAL E METODOLÓGICO DO PROJETO

O mapa é uma visão geral ou uma representação abreviada das narrativas educativas e investigativas do projeto Memória Social na Escola. O *Mapa conceitual e metodológico* apresenta os eixos temáticos de trabalho mais gerais do projeto, tais como *Humanidades*, *Cultura visual* e *Comunicação*, que movem as relações horizontais entre museu, escola e comunidade. A partir desses pilares, agregamos, no desenho, ações e etapas significativas no processo, elencadas por toda a equipe.

Não há um único modo de traçar um mapa conceitual, ele é um instrumento dinâmico. Muitas vezes tem-se o ponto de partida, sabe-se aonde se quer chegar, porém os caminhos delineados pela escola e pelo museu se constroem também ao longo da caminhada, identificando novas necessidades. Esses pontos críticos e desafiadores surgidos ao longo do percurso podem ganhar uma significativa representatividade pelo olhar cartográfico.

Neste mapa, dispusemos, em um desenho circular, os eixos e os sujeitos, conectando-os por setas em mãos duplas – tendo em vista uma relação dialógica – e deslocando-os do contexto mais habitual entre a instituição museal e a escolar. A partir daí, decidimos o que levar em conta no mapa: as ações e as etapas que são frutos da participação ativa de todos como coautores desse processo de registro e construção da metodologia do projeto.

Ao centro deste desenho cartográfico, está o projeto elaborado pelas escolas, afinal as ações desenvolvidas procuram atender às suas demandas, o que poderia talvez equivaler a um dos pontos de chegada do projeto ou a um objetivo central. No entanto, mesmo sendo o projeto da escola o fio condutor, este mapa se apresenta como um rizoma que não começa e nem se encerra, sendo um fluxo contínuo de ações dentro de um programa de memória social que potencializa a construção de novas práticas educacionais com interface na cultura. Sendo assim, este mapa se conecta a outros mapas, evidenciando uma cartografia maior: a de atuação para a promoção de políticas públicas no campo da Educação e da Cultura.

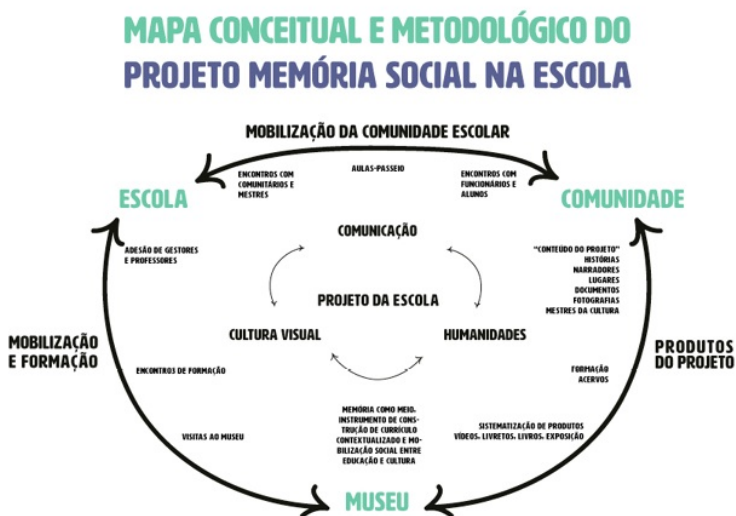
Ao centro, também inserimos a oficina *Requalificação de dispositivos móveis*, mas de uma forma mais sutil, pois esta ação contribuiu para a metodologia do projeto, ao atuar diretamente no que tange à organização das histórias por meio de tais dispositivos.

Há um destaque nos campos *Cultura visual*, *Comunicação* e *Humanidades* para as redes sociais, ferramentas de articulação e comunicação indispensáveis ao trabalho, e também para as entrevistas,

compreendendo-as como uma prática pedagógica interdisciplinar, pulsando entre os alunos uma aprendizagem ativa e de novas habilidades.

Ressaltamos ainda que o que está externo ao desenho circular entre comunidade e museu são proposições que estamos construindo, surgindo daí a possibilidade de elaboração de novos mapas conceituais e metodológicos. A seta que faz a conexão é pontilhada, pois esta relação ainda está sendo fortalecida ou estruturada com outros projetos. Inserimos também instâncias que atuam diretamente com a instituição escolar e que também legitimam a caminhada – acrescentamos o Programa Mais Educação e as secretarias municipais (Recife e Cabo de Santo Agostinho) e estadual de Educação.

Podemos adaptar o mapa a partir das experiências e das trajetórias de cada escola, é uma possibilidade; cada uma apresenta seu fluxo e seus fatos particulares. Ao avaliar cada escola, o mapa pode, portanto, abarcar algumas distinções, novos desdobramentos e caminhos a serem mapeados. Por fim, o tipo de mapa determina o que você quer representar. Aqui, é uma das camadas de memória do projeto.



HUMANIDADES

O termo *Humanidades* pode ser entendido de diferentes maneiras, desde a associação que se faz dessa palavra ao estudo do latim, do grego e das artes e obras literárias, históricas e filosóficas da Antiguidade, passando pela ideia do humanismo renascentista e seu projeto de formação do homem integral, que se liberta da visão teocrática do mundo, até o momento em que o termo deixa de ser associado às formas pré-científicas do conhecimento. Neste instante, passa a ser utilizado como definidor de um conjunto de áreas científicas diferenciadas das que conhecemos como ciências exatas, tecnológicas e biológicas.

Dentro do sistema acadêmico, sob o termo *Humanidades* podem ser agregados um conjunto grande e bem

variado de cursos identificados como ciências humanas – Filosofia, História, Psicologia –; ciências sociais – Antropologia, Sociologia etc.; ciências sociais aplicadas – Direito, Administração, Economia etc. –; além de Letras, Artes, Educação e Comunicação social. Neste contexto acadêmico, o termo tem relação ainda com essa forma de classificação do conhecimento científico em três grandes conjuntos: Exatas, Biológicas e Humanas.

No entanto, o termo *Humanidades* também vem sendo utilizado de uma forma que não o coloca como ligado somente ao conhecimento científico. Pelo contrário, sem se opor à ciência, o termo é importante para designar a dinâmica de valorização dos conhecimentos tradicionais em um momento histórico no qual a ideia de verdade nas ciências é relativizada, a partir do reconhecimento de que toda verdade está condicionada às circunstâncias do campo científico e do momento histórico. Ou seja, o enunciado de uma verdade científica se mantém intacto até que novas descobertas alterem o seu conteúdo, refutando parte de suas primícias, matizando outras. Permite também visualizar a contribuição dos conhecimentos tradicionais sobre as plantas e outros elementos da natureza, que são utilizados como ponto de partida, ou de chegada, das pesquisas científicas, especialmente nas áreas de Biologia e Saúde.

A ideia de *Humanidades*, no projeto Memória Social na Escola, está relacionada a essa forma de valorizar os conhecimentos que povoam o mundo real, conhecimentos que não foram refutados nem mesmo pela ciência e que se mantêm, porque foram renovados e fazem sentido para a vida das pessoas. Mais do que fazer sentido, trazem benefícios para quem os conhece. Esses conhecimentos, juntamente com o conhecimento científico, fazem parte do patrimônio da humanidade e, como tal, devem ser estudados e valorizados pela sociedade, inclusive fazendo parte do currículo escolar.

CULTURA VISUAL

É o campo de estudo conhecido também como *Estudos visuais*, que ganhou uma maior notoriedade no final do século 20, sobretudo com a produção de artigos científicos, livros e publicações em geral sobre suas abordagens educativas. O termo compete a um campo plural de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. Este é um eixo temático que aborda os processos culturais, área que procura entender, sobretudo, os aspectos visuais como fonte de transmissão cultural e as relações e interferências que os sistemas culturais acarretam ao processo visual de identificação e entendimento do mundo e da realidade.

A construção do conhecimento e a análise crítica do que nos rodeia são tópicos imprescindíveis para promover uma produção expressiva do aluno e uma mudança significativa em suas opções políticas, estéticas e éticas. Sendo um campo de estudo crítico, que analisa e interpreta as múltiplas manifestações

visuais em uma cultura, adverte que os estudiosos não acolhem uma metodologia predeterminada, pois cada projeto ou disciplina pode focar em vários aspectos.

No entanto, este campo de estudos apresenta questões sobre as práticas do ver que direcionam suas narrativas investigativas e práticas educativas, tais como: quem é o produtor das imagens; quem é o receptor (consumidor) das imagens; quem está sujeito a ser aprovado ou não por meio desta visibilidade; quais os contextos históricos que circulam como representações visuais. Nesse sentido, o campo articula uma produção e reflexão nas áreas de Artes visuais, História da arte, Antropologia e Memória social, enfocando aspectos da cultura que se apõem em imagens, esquivando de olhares e pensamentos tradicionais do ver.

Em consonância com o pensamento de propósito crítico, ao lidarmos com as práticas culturais relacionadas ao olhar e as maneiras culturais de olhar o mundo que nos cerca na contemporaneidade, devemos destacar o campo da *Cultura visual*.

COMUNICAÇÃO

A palavra *Comunicação* vem do latim, *communicatio*, e quer dizer “tornar comum” ou “algo em comum”. Segundo relatos, este termo foi usado pela primeira vez no âmbito religioso, referindo-se à prática dos mosteiros de ter a refeição noturna em comum. Referia-se, portanto, à perspectiva de estabelecer uma relação com o outro, quebrando, então, o isolamento que algumas regras religiosas impunham.

Na atualidade, o termo *Comunicação* envolve uma diversidade de sentidos amplificados com o surgimento de novas tecnologias informacionais, como o rádio, o telefone, a televisão e, mais recentemente, a internet, com um impacto crucial no desenvolvimento psicológico dos indivíduos e na modernização das sociedades.

No âmbito do projeto Memória Social na Escola, o eixo *Comunicação* diz respeito aos processos de construção de significados em torno da elaboração de narrativas. Dentro desse eixo, são previstas atividades que favoreçam o aprendizado da língua portuguesa voltado para o seu uso tanto na comunicação oral, quanto na escrita. Atividades que permitam leituras de diferentes tipos de textos, rodas de conversa, gravações de entrevistas e elaboração de textos com diferentes finalidades (carta-convite, roteiro de entrevista, transcrição, textos coletivos, legendas de fotos e desenhos) fazem parte do universo do projeto Memória Social na Escola.

Mas, nos tempos atuais, não podemos nos esquecer da força das redes sociais. Aqui, o desafio é fazer o bom uso delas, tendo em vista que muitos dos dispositivos móveis, a exemplo de celulares e notebooks,

fazem parte do cotidiano de uma boa parcela da comunidade escolar. A constituição de um grupo fechado em redes sociais, que agregue os envolvidos na implantação e desenvolvimento deste projeto, pode ser de grande valia. Este recurso pode auxiliar tanto na manutenção da mobilização para a execução do projeto, como na socialização dos resultados que vão sendo obtidos. Por exemplo, os alunos podem ser incentivados a postar fotos e a fazer comentários sobre os aprendizados.

5

MEMÓRIA SOCIAL E PRÁTICAS EDUCATIVAS

A proposta apresentada neste *e-book* possibilita o desenvolvimento de um projeto de patrimonialização de processos socioculturais da localidade onde a escola está inserida, onde se evidencia a importância do aprofundamento das relações entre a escola e a comunidade na construção de práticas educativo-culturais que extrapolem os muros da instituição escolar, com ações interconectadas com o entorno.

Compreendendo a importância do processo de construção das ações escolares junto à comunidade, destacamos o Projeto Político Pedagógico (PPP), que nada mais é do que um documento onde estão contidas as propostas pedagógicas das escolas, visando à melhoria na organização da dinâmica escolar. Nele, estão presentes questões correlatas à administração escolar, construídas em conjunto por professores, gestores, pais de alunos e alunas, ou seja, por todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar. Desta forma, o PPP, além de representar os anseios daqueles que fazem parte da instituição escolar, personaliza e singulariza a escola, elencando as principais metas a serem alcançadas, sejam elas administrativas ou pedagógicas. Sua elaboração visa à melhoria da infraestrutura e das condições de aprendizagem.

O PPP configura-se como um documento político, pois nele está expressa a sistematização de discussões acerca dos rumos da escola, através de reuniões organizadas com toda a comunidade escolar. Neste sentido, pode ser compreendido como importante documento que norteia o planejamento e a avaliação das medidas impostas à dinâmica escolar de professores e gestores, ao longo do ano letivo.

Além de prever o diálogo da comunidade escolar no planejamento das atividades escolares, o PPP garante a exequibilidade das ações previstas na escola. Por conta disso, alguns professores e professoras participantes do primeiro ano do projeto **Memória Social na Escola** apontaram a importância do

planejamento das atividades do projeto serem concomitantes ao início do ano letivo escolar, além de sua inclusão como parte das ações previstas no Projeto Político Pedagógico. Desta forma, as atividades correlatas a este projeto aconteceriam com regularidade e sob a ciência de toda a comunidade escolar, facilitando, assim, o planejamento pedagógico que levasse em consideração a interlocução de conteúdos programados para as turmas participantes.

Por seu caráter indisciplinar, o projeto Memória Social na Escola também pode ser compreendido como uma ferramenta metodológica que contribui para o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos diversos, aproximando-se da construção curricular apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Publicados em 1997, eles têm a finalidade de orientar os educadores para normatizar aspectos das diferentes disciplinas do ensino fundamental e do ensino médio das escolas da rede pública e privada do Brasil.

Apesar de não serem obrigatórios, e com uma estrutura considerada flexível, os PCNs servem como norteadores para professores e gestores das escolas realizarem o planejamento do aprendizado escolar, levando em consideração o contexto e as demandas onde a escola está inserida. Isso é possível por meio dos objetivos dos PCNs, seus conteúdos e suas formas de desenvolvimento das atividades, bem como através das diversas maneiras de proceder a avaliação.

Estruturalmente, os PCNs estão divididos de forma a permitir uma leitura não linear de seu conteúdo. Já a escolaridade está organizada por ciclos, visando a superar a segmentação excessiva característica do regime seriado, de modo a propiciar uma maior integração dos conteúdos e do próprio conhecimento.

Para além das áreas de conhecimento específico – tais como, Língua Portuguesa, Matemática, Arte, História, Geografia, Ciências Naturais e Educação Física –, os PCNs também trazem abordagens sobre as questões sociais, para as quais se propõe um tratamento transversal de temas como ética, meio ambiente, saúde, orientação sexual e pluralidade cultural. Estes assuntos são tratados no ponto sobre os temas transversais. Trata-se da valorização dos conhecimentos socialmente relevantes e não da mera acumulação de informações e conteúdos, ressaltando o uso crítico e criativo destes conhecimentos, e respeitando a diversidade cultural e a regionalidade das diversas localidades do país.

No que tange ao projeto Memória Social na Escola, tanto para o ensino da História, como para a abordagem dos temas transversais, o assunto do trabalho com a memória é recorrente, por conta da ênfase nos diferentes sujeitos históricos e da valorização do papel de cada um na construção de uma história mais plural, transformando professores e alunos em sujeitos dos processos de aprendizagem.

Assim, ao enfatizar reflexões a partir da realidade do aluno, os PCNs trazem a valorização da história local, na qual o trabalho pedagógico pode ser realizado levando-se em conta fontes diversas, tais como os relatos orais, as imagens, os objetos, as danças, as músicas e as narrativas.

Neste sentido, a metodologia da História Oral/História de Vida permite ao aluno trabalhar com os conteúdos relacionados ao seu cotidiano, à sua escola, ao seu bairro e, de forma mais ampla, à sua própria cidade, desenvolvendo, por meio de atividades diversas, o pensamento crítico e o empoderamento. Nesses processos, o estudante e o docente atuam, na verdade, como sujeitos históricos.

Neste contexto, um projeto de memória social, desenvolvido no âmbito das escolas, a partir dos diversos campos do saber, pode ter como base as narrativas orais e os registros documentais e imagéticos. Assim, esse projeto pode ser estruturado a partir das seguintes questões:

Resumo – Que memórias nós queremos registrar?

Justificativa – Por que queremos registrar essas memórias? Como contribuir para o desenvolvimento e o fortalecimento dos laços de identidade entre os moradores da comunidade onde a escola está inserida?

Objetivos – Para que queremos registrar essas memórias? Como construir conhecimentos contextualizados com a realidade da comunidade onde a escola se insere?

Público-alvo – Para quem queremos registrar essas memórias? Como socializar esses conhecimentos construídos junto à comunidade?

Fonte – Quem entrevistar? Quais documentos, fotografias, vídeos pesquisar? Como contribuir para dar visibilidade ao patrimônio cultural da comunidade?

O grande desafio e riqueza desta proposta de trabalho é a articulação do conteúdo do projeto de memória social em sala de aula com os conteúdos estipulados pelos PCNs, bem como seus equivalentes estaduais e municipais. A nossa dica é que um projeto de memória social pode e deve ser visto como um projeto didático, pois ele envolve uma situação-problema – a pesquisa, a descoberta de conteúdos novos –, articulando os propósitos didáticos com os propósitos sociais, ou seja, a socialização dos aprendizados por meio de um produto final.

PARA SABER MAIS

[3](#) ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

[4](#) A autora chama de “natalidade” o processo social de constituição do ser. O que nos faz humanos é a vida em sociedade.

[5](#) ARENDT, 2002, p. 129.

[6](#) É um conceito utilizado na sociologia que diz respeito aos processos mediante os quais as pessoas/instituições refletem sobre aquilo que as rodeia e o modo como agem com base em deliberações reflexivas nos diversos contextos sociais por onde se movem. Pode-se dizer, de forma simplificada, que é uma capacidade de interiorizar o que é exterior, a partir da influência do contexto sobre os projetos de ação individuais ou coletivos.

[7](#) MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. São Paulo: Loyola, 2000.

PARTE II | A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE MEMÓRIA SOCIAL NA ESCOLA

A construção e implementação do projeto **Memória Social na Escola** visa ao trabalho colaborativo entre museu e escola. Neste sentido, foram realizados diversos encontros, tendo por objetivo promover a aproximação entre essas instituições, articulando as ações do projeto e a metodologia de trabalho junto à gestão escolar, e buscando envolver toda a comunidade escolar participante.

Apesar de o projeto ser desenvolvido na escola e na comunidade onde se insere, o museu, enquanto parceiro desta ação, dispõe de equipamentos culturais e ações educativas que viabilizam o aprofundamento das discussões sobre a memória e a sua importância nos processos identitários dos diversos grupos sociais. Assim, foram realizadas atividades acerca das temáticas abordadas no projeto com estudantes e docentes das escolas participantes.

Nas próximas linhas, apresentamos nosso passo a passo no processo de elaboração de uma relação mais próxima da escola na construção e execução deste projeto.

1

ARTICULAÇÃO E ADESÃO DAS ESCOLAS

O processo de seleção das escolas que seriam convidadas a participar do projeto Memória Social na

Escola se deu a partir da interlocução de representantes do Muhne com representantes das secretarias de Educação do Recife e do Cabo de Santo Agostinho, a partir do segundo semestre de 2014. Em um primeiro momento, seriam convidadas duas escolas. Porém, definimos ampliar esse limite para seis instituições, tendo em vista o desejo de atender ao maior quantitativo possível de alunos e alunas da rede pública de ensino.

Para tanto, foram convidados representantes do Programa Mais Educação do Cabo de Santo Agostinho, da Gerência de Ensino Fundamental dos Anos Finais da Secretaria do Estado e do Programa Mais Educação do Recife, que nos apontaram a possibilidade de participação no projeto de seis escolas.

Durante a apresentação do projeto aos gestores de cada instituição, foi destacada a relevância da inserção, na dinâmica escolar, das discussões acerca da **memória social**, tendo em vista o estreitamento das relações entre museu, escola e comunidade. Foi acordado que cada escola indicaria a participação de uma turma, tendo em vista as limitações técnicas do Muhne em acompanhar uma grande quantidade de alunos de uma mesma instituição.

Num primeiro momento, todas as escolas indicadas se mostraram interessadas em participar da construção de um projeto de memória social voltado para a realidade de cada instituição. Desta forma, foram feitos três Encontros de Formação, entre os meses de outubro e dezembro de 2014, para a realização de estudos acerca da construção de caminhos metodológicos, junto a professores e gestores das escolas, além da equipe técnica do Museu do Homem do Nordeste. Durante esse processo, uma das escolas não pôde continuar a participar da iniciativa. Assim, cinco instituições desenvolveram seus respectivos projetos de memória social, que poderão ser consultados nesta publicação, mais à frente.

2

ENCONTROS DE FORMAÇÃO

Os três *Encontros de formação* foram muito produtivos e intensos, com ampla participação dos professores, dos gestores e da equipe técnica do Museu do Homem do Nordeste (Muhne). Ocorreram sempre nos espaços da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) – o primeiro e o terceiro encontro no Recife, na Galeria Massangana, próxima à sede do Muhne, e o segundo, no Engenho Massangana, no Cabo de Santo Agostinho (PE). Com isso, tanto os professores, quanto os gestores das escolas participantes

puderam conhecer os diferentes espaços expositivos da Fundaj, vivenciando realidades distintas em espaços voltados à preservação do patrimônio sociocultural do Nordeste.

Os *Encontros de formação* seguiram um plano de ação baseado no *Guia de tecnologia social da memória*, que preconiza três etapas para o desenvolvimento de um projeto de memória: **construir histórias, organizar histórias e socializar histórias**. Este guia, desenvolvido pelo Museu da Pessoa⁸, para a Fundação Banco do Brasil (FBB), foi, nas palavras de Jacques Pena, então presidente da FBB, um desafio voltado para:

Desenvolver uma tecnologia social da memória que estimule comunidades, organizações da sociedade civil e empresas do país, de diferentes locais, perfis e trajetórias, a construírem, organizarem e socializarem suas histórias, valorizando as experiências e os saberes das pessoas. Uma tecnologia que possa ser aplicada em larga escala, com boa relação custo-benefício, gerando desenvolvimento social.⁹

A escolha do método da tecnologia social da memória como base para os *Encontros de formação* se deu por ser esta uma metodologia que permite desenvolver conteúdos de memória individual e de história de bairros e comunidades, através do empoderamento e fortalecimento da identidade desses grupos sociais. Nesse sentido, a metodologia valoriza a experiência individual e coletiva, e possibilita ações de transformação social pela compreensão do outro e para o entendimento do passado e de suas implicações no presente.

1º ENCONTRO

CONSTRUIR HISTÓRIAS

No primeiro *Encontro de formação*, foram tratados os principais aspectos da produção de narrativas. A partir das experiências anteriores dos participantes, foram discutidos conceitos de tecnologia social, tecnologia social da memória, memória, história, memória individual, memória coletiva, história oral, história oral de vida. Também foram apresentados os passos iniciais para a realização de uma entrevista baseada na metodologia de História oral, bem como aspectos práticos, entre eles o papel do narrador e do entrevistador, a definição e a localização dos entrevistados, e a elaboração do roteiro de entrevista.

Foram desenvolvidas atividades que possibilitassem a discussão sobre os principais conceitos utilizados na concepção do projeto de memória social proposto. Uma delas dizia respeito à história do nome de cada participante do encontro de formação. Esta atividade teve por objetivo a apresentação e a

integração do grupo, pois o nome que recebemos é o primeiro passo para a construção de nossa identidade.

Cada pessoa tem sua própria história, desde o momento em que nasceu. Falar sobre o próprio nome é uma maneira de começar a contar a própria história, de estruturar a sua identidade. Todos têm uma história para contar, mesmo que seja sobre o desconhecimento da origem do seu próprio nome. A escolha do nome está permeada do contexto do nascimento da criança, dos gostos e das afinidades dos pais, dos valores sociais e políticos, da influência dos irmãos mais velhos e também da fé e da religiosidade. Nesse sentido, carregamos conosco o reflexo da sociedade na qual nascemos.

Ainda neste encontro, foi realizada a leitura de trechos do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, da escritora Mem Fox. Este é um livro com uma história curta, para crianças entre 7 e 9 anos de idade, possibilitando o desenvolvimento de reflexões sobre a função da memória na sociedade. Neste sentido,

a memória é essencial a um grupo, porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade.^{[10](#)}

A partir de reconstruções que se realizam em função do nosso tempo, sobre o processo de recordar, podemos considerar que:

aquilo que se torna uma marca, um registro de memória resulta de operações complexas, seletivas. Desde o momento inicial da percepção de algo, desencadeia-se uma construção em que nas memórias que trazemos – que são, de maneira indissociável, individuais e coletivas – atuam reelaborando e ressignificando aquilo que se apresenta aos sentidos. Em outros termos, não há percepção pura e não há também memória pura.^{[11](#)}

No processo diálogo com a memória do outro, tendo como instrumento a entrevista, faz-se importante compreender que:

há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar.^{[12](#)}

2º ENCONTRO

ORGANIZAR HISTÓRIAS

Os participantes dos Encontros de formação realizaram ensaios de entrevista, tendo por objetivo compreender os processos que compõem esse processo de registro. À medida que os participantes foram descrevendo a experiência de realizar uma entrevista, foram sendo abordados conceitos relacionados à estrutura que envolve a entrevista, como a escolha do entrevistado, a construção do roteiro, os instrumentos de gravação e o local para realização da conversa.

Foram feitas observações relativas à primeira experiência ao realizar uma entrevista:

- a) não existe certo ou errado, existe a entrevista que foi possível fazer, dentro das condições que se tem;
- b) o tempo de entrevista também não deve ser levado em consideração: é importante compreender que ela possui começo, meio e fim, ou seja, que comece com uma claquete de identificação, traga perguntas e respostas que encadeiem uma história daquele personagem e tenha uma finalização;
- c) as mídias digitais, em especial os telefones celulares, apesar de não serem equipamentos voltados para este tipo de trabalho, mostram-se funcionais;
- d) o roteiro de entrevistas é, de fato, um guia que não precisa ser seguido à risca. Perguntas podem e devem ser feitas a partir do universo que o entrevistado está trazendo para o momento da entrevista;
- e) elaborar um roteiro de perguntas para cada projeto já é uma maneira de “internalizar” as questões a serem abordadas;
- f) é importante realizar a entrevista em um local mais silencioso, para que o resultado da atividade tenha uma melhor qualidade.

Após a realização das entrevistas, é importante cuidar, organizar e fazer cópias dos arquivos gerados pelo projeto, sejam eles vídeos, gravações em áudio ou fotografias. A transcrição do áudio também é uma etapa importante no processo de organização das entrevistas e pode ser compreendida como a construção de conteúdo a partir da narrativa gravada. Sendo assim:

transcrever significa passar o conteúdo oral para o texto escrito. Cada pergunta e resposta é redigida a partir da escuta paciente da gravação. Nesse processo, devem ser resolvidas dúvidas

em relação a nomes citados, grafia de palavras etc. É um trabalho árduo e requer disponibilidade de tempo e dedicação.¹³

Alguns aspectos que envolvem a transcrição podem ser evidenciados, como a fidelidade à narrativa do entrevistado e a ética em relação às informações que constam na entrevista, tendo cuidado para não expor o entrevistado a situações constrangedoras. A transição da linguagem falada para a linguagem escrita deve ser feita tendo atenção aos termos regionais, tendo em vista a preocupação com o entrevistado e o seu reconhecimento em sua própria fala.

Porém, se transcrever é uma ação que requiere tantas habilidades para um adulto, como fazê-la com estudantes mais novos? Há como sugestão a construção de um texto coletivo, no qual docente e discentes escrevem em conjunto a narrativa da entrevista. (*ver Parte 4 – Caderno de Proposituras*)

3º ENCONTRO

ELABORAR O PROJETO E SOCIALIZAR HISTÓRIAS

O processo de construção de um projeto sobre memória social poder ser pautado em algumas questões centrais: Que história se quer contar? Para quem? Qual a finalidade dessa história? Onde estão as histórias? Quem é o autor dessa história? Existem outras versões sobre esta história? Essas e outras questões puderam ser fomentadas tendo por base o filme *Narradores de Javé*, de Eliana Café.¹⁴

A partir dessas questões, é possível construir um projeto de memória social tendo como perspectiva elementos que envolvam alunos, professores e moradores da comunidade. Os autores do projeto podem elaborar questões que tenham como ponto de partida a história dos indivíduos para, depois, compreender os processos históricos da localidade onde vive. Isso é possível, pois todos nós somos constituídos socialmente a partir dos processos de interação com nossos parentes, vizinhos, amigos, em nosso bairro, cidade, estado, país. Ou seja, todos nós somos resultado das (re)significações que ocorrem nestes processos de troca com as pessoas e com os lugares. Dentro dessa perspectiva, é possível compreender parte dos processos socioculturais de um grupo a partir das histórias e percepções de seus integrantes.

Dentro da dinâmica de integração de ações da escola com a comunidade, através do projeto **Memória Social na Escola**, faz-se necessário o compartilhamento de entrevistas, fotografias, vídeos, documentos, textos, ou seja, das atividades executadas pelos estudantes ao longo do ano à comunidade escolar. Nesse sentido, professores, gestores e equipe do Muhne desenvolveram atividades tendo por objetivo criar estratégias criativas para apresentar à comunidade os resultados do projeto, como exposições de fotografia e desenhos, peças teatrais, exibição de vídeos, livros artesanais, postagens na internet etc.

A partir das temáticas apresentadas, os participantes do encontro elaboraram os projetos de memória social de cada escola participante desta ação.

AVALIAÇÃO DOS *ENCONTROS DE FORMAÇÃO*

Foi realizada uma avaliação dos *Encontros de formação* envolvendo todos os participantes. Deste modo, fez-se uma atividade na qual cada pessoa responderia três questões: “O que eu esperava no início dos encontros?”. “O que estou levando?” e “Como contribuo?”.

A partir das respostas, compreendemos que as pessoas foram aos encontros procurando compreender a proposta de trabalho do projeto, tendo em vista a possibilidade de agregar essas experiências no processo de ensino-aprendizagem, através da metodologia da memória social.

Além disso, houve a construção um novo olhar acerca da função dos espaços expositivos, onde o museu pode, para além de contribuir ao acesso a novos olhares sobre a sociedade, se apresentar como parceiro da escola nos processos educativos.

3

MOBILIZAR E ENVOLVER A COMUNIDADE ESCOLAR

Essas duas ações – mobilizar e envolver a comunidade escolar – são de suma importância e devem ocorrer ao longo de todo o projeto desenvolvido na sala de aula, pois asseguram não só o início do trabalho, mas a sua continuidade ao longo do ano escolar, que, como sabemos, é longo, cansativo e, muitas vezes, com pausas que acabam por diminuir o interesse ao que estamos construindo em sala de aula.

Mas, afinal, qual é a fórmula? Sabemos que, por experiência própria, crianças e adolescentes são curiosos por natureza. Também adoram desafios e descobertas. Ao compartilhar com a sala a intenção de realizar um projeto de memória oral, o professor e o gestor podem despertar a curiosidade deles para os assuntos que irão desenvolver ao longo desta jornada.

O convite para a participação no projeto deve levar os alunos a perceber que esta pode ser uma grande chance para aprender de um jeito diferente e, por que não, divertido. Uma oportunidade para fazer descobertas, conhecer outros espaços da cidade, tais como o Muhne e o Engenho Massangana, participando de oficinas, bem como desfrutando do cinema recém-inaugurado na sede do Museu do Homem do Nordeste. No próximo item desta parte do livro (*O museu como parceiro do projeto*) traz estas atividades detalhadas.

Ao apresentar o projeto que será desenvolvido, o professor pode mostrar exemplos do que outros alunos de outras localidades já realizaram, chamando-os para este desafio. Além disso, ele pode mostrar que o diálogo com os mais velhos, o respeito aos locais da memória e a dedicação ao projeto são importantes para todo o processo.

Também é importante alertar os alunos sobre a elaboração de um produto final, no qual os colegas, os pais e até mesmo outros professores poderão visualizar o ápice de um projeto pleno de descobertas e vivências. São os alunos os autores desse processo de pesquisa e devem por ele se responsabilizar. Converse também com eles sobre os resultados do projeto, levantando perguntas, como: “Como eles serão expostos?”; “Que tipo de produção eles gostariam de desenvolver? Um livro? Uma exposição? Um filme?”. Ao final do projeto, deve-se fazer, junto aos alunos, uma análise do conteúdo sistematizado. Não se trata aqui de levantamento e comprovação de hipóteses, mas, de abrir para a discussão sobre o significado e a importância das entrevistas realizadas.

4

MUSEU COMO PARCEIRO DO PROJETO

A educação não formal se configura a partir de ações que acontecem fora do sistema padronizado da educação formal. A construção do conhecimento, a fixação dos tempos, as sequencialidades e as outras etapas referentes à funcionalidade da educação não formal acontecem em uma organização própria.

Inserida dentro do contexto da educação não formal, a mediação cultural em museus tem como característica um trabalho de perspectiva interdisciplinar, com ausência de um currículo padronizado. A produção de conhecimento é empírica e acontece por meio de uma relação dialógica com o seu público, tendo em vista um alargamento da sua participação nos processos museológicos.

Contextualizando historicamente, o termo mediação como ação educativa faz referência aos anos 1960, em que o diálogo entre o educador e o educando tem como objetivo o desenvolvimento da consciência crítica, da autonomia e da cidadania, inspirado nos ideais desenvolvidos pelo educador Paulo Freire. Em oposição às práticas educativas bancárias, ligadas a tendências pedagógicas da escola tradicional, tecnicista.

A mediação no museu, por meio da visita aos espaços expositivos, é uma grande estimuladora da criação de novas cartografias dos objetos musealizados e de nossas inúmeras práticas culturais. A abrangência do acervo é orquestrada pelo repertório de experiências e saberes do mediador, do público e dos valores da época.

É importante que a mediação estimule uma leitura subjetiva do visitante, evitando que este tenha apenas uma relação contemplativa. Mais do que dar respostas, o mediador deve orientá-lo a fazer boas perguntas, a problematizar a visita, levando o público a mobilizar seu próprio potencial e seus saberes em torno do patrimônio, e a socializar também suas histórias.

Um público em potencial dos museus é o escolar, a visita de professores e alunos aos espaços museológicos já constitui um diálogo real e de muitas construções colaborativas. Mesmo diante de dificuldades, esta articulação é propulsora de diversos encontros e formações compartilhadas, visando a um aperfeiçoamento nas experiências educacionais.

É neste sentido que o Muhne atua no projeto **Memória Social na Escola**, com o intuito de contribuir para a construção, de forma colaborativa, do currículo escolar, em torno da experiência social e cultural do ver e no que isso condiciona a formação de identidades e subjetividades. A ideia é contribuir com essa expansão de novas interpretações, novas formas de sentir, perceber e viver a escola e sua comunidade.

Assim, destaca-se aqui algumas das principais ações sugeridas às escolas concebidas e desenvolvidas pelo museu, tais como: o programa de atendimento Curta os Circuitos, a oficina *Requalificação do uso dos dispositivos móveis* e a oficina *Cinema e produção de vídeo*.

Voltado a professores e alunos da rede pública de ensino da Região Metropolitana do Recife, o Curta os Circuitos é uma ação educativa do Muhne que prevê visitas mediadas aos espaços expositivos-culturais da Fundaj, tais como museus, galerias e cinema, perfazendo o circuito em um prazo médio de um mês para cada escola, tendo eixos temáticos como fio condutor. Para boa parte dos alunos, é a primeira vez que eles visitam estes espaços culturais. A ação assume com os professores e estudantes o compromisso do envolvimento da escola e o desenvolvimento de atividades práticas e reflexivas em torno das questões

debatidas nos espaços.

A visita às exposições de longa duração do museu e ao Engenho Massangana consiste em uma mediação na qual é feita a apresentação do espaço museal, intercalada às possíveis perguntas a serem trabalhadas no projeto Memória Social da Escola – “O que é memória?”, “Quem preserva?”, “O que é História oral?”, “Como registrar sua história?”, “O que é política de acervo?”. Essas questões são desenvolvidas e discutidas durante as visitas, contribuindo, de forma mais direta, com o projeto que está sendo elaborado por cada escola. Por fim, o circuito é finalizado com a visita ao Cinema do Museu, na sua sede, na qual é feita a exibição de filmes de curta-metragem em uma sessão especial, com a participação de todas as turmas das escolas do projeto.

OFICINAS

Dentro desse processo, o Muhne realizou uma oficina ministrada pelo fotógrafo e educador Luiz Santos, intitulada *Requalificação do uso dos dispositivos móveis*. Por meio dela, o museu disponibilizou às instituições envolvidas no projeto Memória Social na Escola cerca de 15 horas-aula, voltadas ao conhecimento de técnicas e recursos para a boa utilização dos chamados dispositivos móveis. Com o intuito não só de melhorar a qualidade do registro visual – tão necessário a um projeto como esse –, mas também de discutir sobre o uso exacerbado dos dispositivos digitais.

O barateamento e a grande disponibilidade dos celulares de última geração tornaram o telefone móvel um equipamento extremamente presente na vida cotidiana de qualquer pessoa. Independente da classe social ou idade, grande parte de nós faz uso das redes sociais, registra nosso cotidiano em centenas de fotos e compartilha nossos pensamentos, vida pessoal e profissional através das redes sociais, de uma maneira cada vez mais crescente. Atingimos um ponto que o uso dos dispositivos móveis e das redes sociais beiram à banalização da imagem e da informação “sem sentido”.

Assim, a oficina procurou, entre outras coisas, ressaltar o bom uso desses recursos tecnológicos, focando, em especial, no olhar para a sua localidade, em um uso crítico e construtivo, inclusive com a finalidade de valorizar o olhar que os estudantes têm para o entorno onde moram ou o bairro onde está inserida a escola.

Noções mais técnicas como claro e escuro, quente e frio, úmido e seco, áspero e liso, perto e longe, fosco e nítido, bem como profundidade e tridimensionalidade foram trabalhadas em exercícios na sala de aula, a partir da mediação do fotógrafo. Também foi conversado, previamente com os alunos, a importância do trabalho em grupo e colaborativo, além da não valorização dos equipamentos de última geração em detrimento do olhar. Aspectos como resolução, foco e nitidez foram apenas citados como

relacionados ao ideal tecnológico.

Paralelamente à informação mais técnica, foram desenvolvidas duas grandes atividades relacionadas ao projeto Memória Social na Escola: o desenho do *Mapa do bairro* onde a escola está inserida, e onde mora a maioria dos alunos, e a caminhada fotográfica. Ambas as atividades estão descritas no *Caderno de proposituras* (Parte 4 deste e-book), porém não podemos nos furtar de ressaltar alguns aspectos destas atividades.

A elaboração do *Mapa do bairro* é uma atividade excelente para desenvolver o trabalho em equipe, não importando, neste momento, se os alunos têm ou não habilidades voltadas para o desenho. O foco principal da confecção dos mapas é a reflexão sobre o senso de pertencimento ao local que os alunos frequentam, a valorização do entorno da escola e o olhar para a diversidade de pontos de referência que a própria cidade traz, como a igreja, o campo de futebol, a piscina, as vendas, a farmácia, a escola, o cinema e até mesmo as ruínas dos antigos estabelecimentos.

A outra grande atividade realizada na oficina foi a caminhada fotográfica, na qual os alunos, junto aos professores e ao fotógrafo, puderam exercitar o olhar de forma positiva. Se no mapa desenhado muitas vezes surgia uma imagem negativa da localidade, na caminhada fotográfica, era perceptível o entusiasmo por alguns pontos percorridos. Essas saídas também permitiram, além da apreciação da paisagem topográfica, registrar a paisagem humana, à medida que os alunos eram encorajados a conversar e a gravar entrevistas com os moradores, buscando aspectos positivos do bairro, ao mesmo tempo em que rompiam a barreira do silêncio e da timidez.

A oficina foi realizada em um período inicial do projeto de cada escola, de uma forma a despertar caminhos a percorrer e estimular ensaios para entrevistas com os atores sociais de cada comunidade.

Em um momento mais avançado do projeto, quase no fim do ano letivo, com muito material já havendo sido produzido a partir das experiências coletadas pelos alunos em relação à memória social, entrou em cena a oficina *Cinema e produção de vídeo*. Dando continuidade à parceria entre museu e escola na realização de ações que buscam uma visão mais crítica em torno da cultura visual no cotidiano dos professores e alunos, esta oficina fechou um ciclo de ações educativas que potencializaram a socialização das histórias coletadas em cada escola/comunidade.

A oficina foi concebida e ministrada pelos educadores e cineastas Gabi Saegesser e Jucélio Matos, trabalhando em torno da produção audiovisual concebida pelos alunos. Com cerca de 15 horas-aula, a oficina tinha o intuito de elaborar um curta para apresentar o projeto realizado em cada escola. Assim

como em todas as atividades, cada curta foi produzido de forma compartilhada com os alunos e professores. Conhecendo todo o processo da realização de um produto audiovisual, os alunos também assistiram a vídeos no intuito de discutir questões técnicas de argumentação, roteiro, produção e edição.

Após esta etapa da realização da produção audiovisual, finalizamos com sua exibição. Os curtas foram apresentados na culminância do projeto Memória Social na Escola, no Cinema do Museu, em uma manhã especial com todas as instituições participantes e a equipe do Muhne. Os curtas compõe este e-book.

[8](#) O Museu da Pessoa é uma organização da sociedade civil que atua para registrar, preservar e transformar em informação histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade. A partir de metodologia própria, capta, organiza e edita conteúdos disseminados em publicações, programas de rádio e TV, exposições e no portal www.museudapessoa.net. Seu acervo soma cerca de 16 mil histórias de vida e 72 mil documentos e fotos digitalizados.

[9](#) TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA. *Para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias*. Brasília: Fundação Banco do Brasil/Abravídeo, São Paulo: Museu da Pessoa, 2008.

[10](#) ALBERTI, 2005, p. 167. In: ALBERTI, Verena. *Ouvir contar*. Textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

[11](#) MONTENEGRO, 2010. p. 39. In: MONTENEGRO, Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Editora Contexto, 2010

[12](#) THOMPSON, 1992, p. 254. In: THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

[13](#) GUIA de Tecnologia Social da Memória. Brasília: Abravídeo; São Paulo: Museu da Pessoa, 2008.

[14](#) Nesta película, é contada a história de uma comunidade que, para ser preservada, precisa ter documentos que comprovem que aquela localidade pode ser reconhecida como patrimônio histórico, o que leva seus moradores a registrar a história da cidade, onde muitos não sabem ler ou escrever.

PARTE III | NARRATIVA DO PROJETO NAS ESCOLAS

1

ESCOLA ESTADUAL DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO OLINTO VICTOR

Avenida Afonso Olindense, 153, Várzea – Recife/PE.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A ESCOLA

Localizada no bairro da Várzea, no Recife, a Escola Estadual de Referência em Ensino Médio Olinto Victor – inicialmente chamada Escolas Reunidas Olinto Victor – foi fundada em 1963, tendo como secretário de Educação o professor Lourival Vila Nova. O nome da escola foi escolhido para homenagear uma figura ilustre do bairro, o professor Olinto Victor, paraibano, formado em Direito, e morador da Várzea entre 1985 e 1927.

Na época, a escola contava apenas com duas salas de aula, um banheiro, uma saleta, um galpão e, ao fundo, em local onde supostamente havia existido uma senzala, na época colonial, ficava a residência do zelador e de sua família. Duas professoras ministravam aulas para 65 alunos, em dois turnos (manhã e tarde). Somente em 1974, nove anos após sua fundação, a escola obteve autorização para funcionar como escola de primeiro grau (atual ensino fundamental). O ensino médio foi implantado pouco tempo depois.

Em 2010, a Escola Olinto Victor foi transformada em escola de referência. Apesar disso, a instituição não possui infraestrutura adequada. Segundo ex-alunos e professores mais antigos, não houve grandes mudanças em sua estrutura física desde que foi fundada. Mesmo com todas as dificuldades, a comunidade escolar se orgulha dos resultados obtidos nos últimos anos no ranking das escolas estaduais de Pernambuco.

A EXPERIÊNCIA DO PROJETO NA ESCOLA

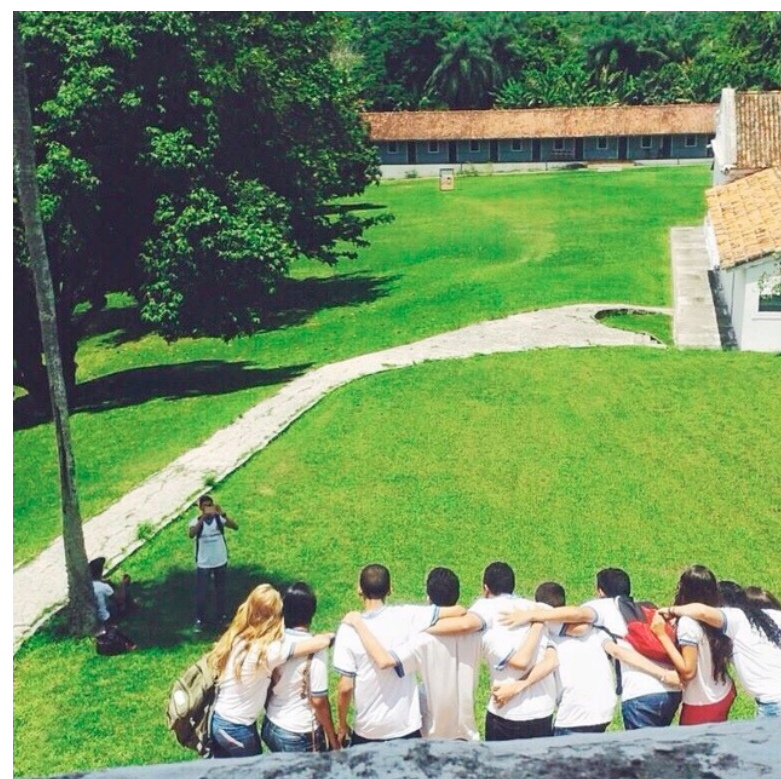
O projeto **Memória Social na Escola** foi desenvolvido juntamente com a turma do 2º ano A, que conta com 45 alunos, todos adolescentes entre 16 e 17 anos, moradores, em sua maioria, dos bairros da Várzea, Brasilit, UR7 e Caxangá.

Iniciamos o plano de trabalho do projeto **Memória Social na Escola** no começo de 2015, após a realização de encontros de formação com professores, gestores e equipe do Museu do Homem do Nordeste (Muhne), entre outubro e dezembro de 2014. O primeiro momento de articulação do projeto se deu com visitas da coordenação do museu e da consultora do projeto, Claudia Leonor, à escola. O passo seguinte foi a definição de quais integrantes da equipe do museu acompanhariam o trabalho em longo prazo.

A adesão dos gestores e professores da escola ao projeto foi imediata e positiva. Contamos com o apoio dos dois diretores que estiveram à frente da escola durante o projeto, o que facilitou o trabalho dos docentes junto ao museu. Assim, em fevereiro de 2015, foram feitos os primeiros contatos com os alunos do 2º ano A do ensino médio. Levando em conta a dinâmica do calendário escolar, elaboramos um plano de ação, que começou com a visita da escola ao complexo museológico do Muhne. Essas visitas foram articuladas por meio do projeto Curta o Circuito, desenvolvido pelo próprio museu, com o intuito de promover o diálogo entre os espaços culturais da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e a comunidade escolar, disponibilizando os espaços de exposição aos projetos pedagógicos de cada escola.

O primeiro espaço visitado foi o Engenho Massangana, no Cabo de Santo Agostinho/PE. A visita aconteceu no mês de março de 2015 e dois ônibus da Fundaj transportaram os alunos até o local. Era a primeira vez que eles visitavam o engenho. A atividade começou com um momento de apresentação no qual cada um explicou o significado do seu nome, estabelecendo possíveis conexões com suas memórias individuais e mostrando sua relevância para o coletivo. Em seguida, conversamos sobre o **Memória Social na Escola**, esclarecendo dúvidas sobre o projeto e iniciando um debate sobre identidade e memória e como o museu e a escola participam na constituição de tais questões. A segunda parte da atividade consistiu na visita às instalações do engenho, com mediação realizada pelo educador Igor

Amarante. Todo o processo aconteceu de forma tranquila, com intensa participação dos alunos.



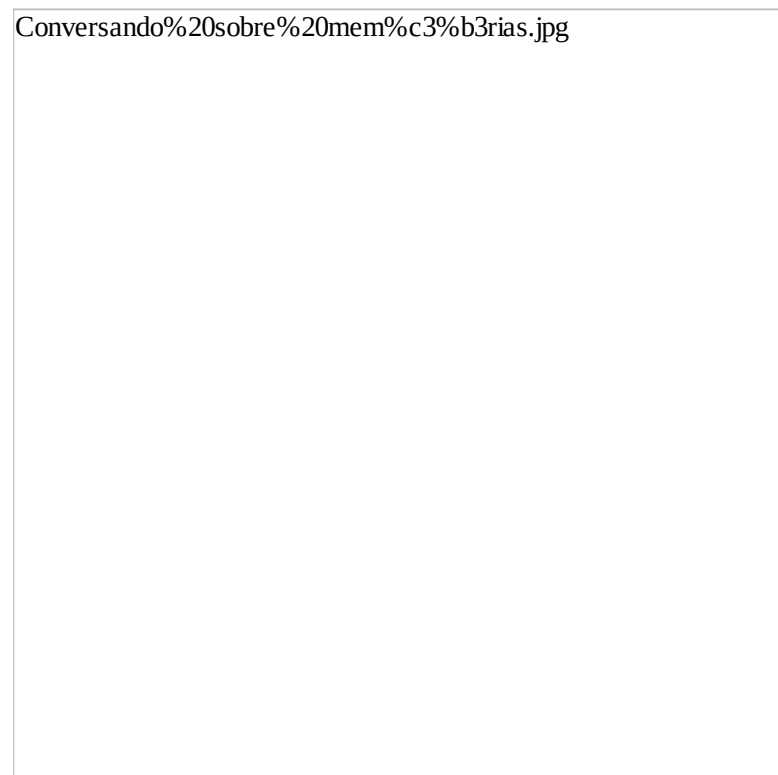
Visita ao Engenho Massangana

Logo após a visita ao Engenho Massangana, o projeto foi interrompido por conta da greve deflagrada pelos professores da rede estadual de ensino de Pernambuco. A paralisação durou cerca de 30 dias, entre os meses de abril e maio de 2015. Os professores reivindicavam melhores salários e condições de trabalho. Inicialmente, a greve foi recebida pelas equipes tanto da escola, quanto do museu como algo que poderia afetar negativamente o andamento do projeto. Porém, para a surpresa de todos, esse foi um momento de grande aprendizado e reflexão sobre o cotidiano da escola.

Compartilhando desse momento e observando as mobilizações de professores e alunos, percebemos o quanto esse processo político também impacta na construção da identidade da escola. Os alunos participaram ativamente das manifestações e veicularam opiniões de apoio ao movimento por meio de vídeos publicados na internet. Foi quando percebemos o quanto as ferramentas audiovisuais já eram instrumentos incorporados ao cotidiano da escola. Para além das mobilizações políticas, isso é resultado também de outros projetos realizados com a comunidade escolar.

Finalizada a greve, com a volta às atividades um novo ritmo se instaura na instituição: a reposição das aulas. Isso exigiu uma **nova articulação** para o projeto. Aos poucos, fomos compreendendo a dinâmica e, levando em conta calendário de atividades da escola, adaptamos o planejamento inicial. Assim, no final do mês de maio conseguimos retomar o plano de ações: a visita ao Museu do Homem do Nordeste e a realização da oficina *Requalificação de dispositivos móveis*.

A visita ao Muhne, mediada pela educadora Raysa Louisier, que também faz parte da equipe da escola, consistiu em uma apresentação do espaço, intercalada com momentos de reflexão e diálogo sobre questões que poderiam vir a ser trabalhadas no projeto Memória Social na Escola. “**O que é memória?**”, “**Quem preserva?**”, “**O que é história oral?**”, “**Como registrar sua história?**”, “**O que é política de acervo?**”: essas questões foram debatidas e discutidas durante a visita, contribuindo de forma mais direta com o projeto que estava sendo elaborado pela escola. Esta foi a primeira visita dos alunos ao museu.



Conversando sobre memórias

Após a visita, os alunos foram levados ao Muhne, onde aconteceu o primeiro encontro da oficina *Requalificação de dispositivos móveis*, ministrada pelo fotógrafo Luiz Santos. Com um total de cinco encontros, a oficina teve como objetivo potencializar o uso de dispositivos móveis como celulares, *tablets*, filmadoras, câmeras fotográficas etc., a fim de preparar a equipe da escola para a realização de entrevistas e demais atividades de registro de histórias e memórias que haviam sido planejadas. Nesse primeiro encontro foram feitas apresentações e discussões sobre o conteúdo da oficina.

O segundo encontro foi realizado na sala de mídia da escola. A atividade planejada para este dia foi a confecção, pelos alunos, de mapas afetivos e geográficos do bairro da Várzea. A turma foi dividida em cinco grupos e cada um recebeu uma folha de papel cartolina. Cada equipe formulou um mapa do bairro da Várzea a partir das suas vivências no local, tendo em vista que a maioria habita a região e seu entorno. Todos os grupos desenharam seus mapas a partir da Escola Olinto Victor, mas cada um com suas peculiaridades, como locais e caminhos distintos. Enquanto os alunos realizavam a atividade, a equipe

do Muhne auxiliava as equipes, tirava dúvidas, e também fazia o registro de imagens daquele momento. Ao final, os mapas foram recolhidos e abriu-se um debate sobre o encontro seguinte.



Entendendo conceitos.

A oficina *Requalificação de dispositivos móveis* contribuiu na metodologia do projeto, servindo diretamente à construção e organização das histórias por meio de tais dispositivos. Na experiência com a Escola Olinto Victor, destacamos o uso das redes sociais. Foram criados grupos de discussão em plataformas como Facebook e Whatsapp, onde constantemente eram compartilhados links, fotografias e outras informações, nutrindo uma conversa contínua entre os alunos, oicineiro e os educadores do museu.

É importante ressaltar que as oficinas aconteceram paralelamente à programação da Semana de Museus, uma articulação promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), em comemoração ao Dia Internacional de Museus. A cada edição, um tema e uma programação são apresentados a todas as instituições do tipo no país. O tema da última foi “Museus para uma sociedade sustentável”. Assim, por meio de sua programação na Semana de Museus, o Muhne buscou articular com o projeto Memória Social na Escola uma discussão sobre a dinâmica do museu e seus processos de musealização.

Também integrada à programação da Semana de Museus, aconteceu a *Oficina de Fanzine*, ministrada pelos mediadores do Muhne, em maio de 2015, durante a Semana Nacional de Museus. Uma parte das atividades foi realizada no Muhne, outra parte, na sala de mídia da escola. Em seguida, a turma foi desafiada a elaborar fanzines com base nos debates já realizados sobre identidades e memória do grupo.

Para que pudessem realizar a atividade, os alunos foram divididos em seis grupos. Cada um confeccionou um fanzine coletivo. Os temas escolhidos variaram entre tecnologia, memória e mídia. Enquanto os alunos realizavam a atividade, Luiz Santos, que acompanhou o processo, registrou em áudio

conversas de todos os grupos. Ao fim do encontro, quando os fanzines estavam prontos, foram confeccionadas cópias desse material e posteriormente distribuídas.

As atividades realizadas no âmbito do projeto Curta o Circuito e da Semana de Museus culminaram no encontro com as cinco escolas do projeto Memória Social na Escola, realizado no Cinema do Museu. Lá foram exibidos três curtas-metragens: *O levante*, de Jonas de Andrade; *Dia estrelado*, de Nara Normande; e *História natural*, de Júlio Cavani, que esteve presente no encontro.

Depois de uma tarde especial, com experiências enriquecedoras na mais nova sala de cinema independente do Recife, os alunos deveriam retornar às suas instituições de ensino. Entretanto, no caminho de volta, o vazamento de um extintor no ônibus causou grande susto a todos. O veículo parou prontamente e os alunos foram evacuados. O socorro foi prestado imediatamente e os alunos foram encaminhados para a Unidade de Pronto Atendimento mais próxima, onde foram atendidos e medicados. Apesar do susto, todos ficaram bem.

Tal incidente levou a uma nova pausa no projeto e não foi possível concluir a oficina *Requalificação de dispositivos móveis*. O episódio rendeu várias reuniões entre pais, professores e equipe do museu. Esse foi um momento de desaceleração e reorganização, que exigiu retomar a articulação com a escola e os pais dos alunos.

Mesmo assim, no decorrer do projeto, conseguimos coletar diversos materiais, como fotos, textos, mapas, desenhos, vídeos, mensagens, relatos de experiência da equipe do museu, de algumas alunas e da professora Jeane. A equipe do museu fez constantes visitas à escola para conversar com os alunos sobre a dinâmica da realização do projeto.

Nas últimas semanas do mês de junho, após um fluxo intenso de atividades, a escola começou a elaborar o roteiro temático para as entrevistas com professores e ex-alunos. A ideia era realizar, logo cedo, aos sábados, um café da manhã com os entrevistados. As entrevistas seriam realizadas em seguida, na biblioteca da escola. Nesta fase do projeto tivemos mais uma pausa, no mês de julho, por conta das férias escolares. As atividades foram retomadas no mês de agosto.



Em cena e em equipe.

Assim, no segundo semestre, retomamos a articulação com os entrevistados, a realização das entrevistas, as filmagens do curta e sua edição. Com auxílio da equipe do museu, em meio às reposições de aulas por conta da greve, os alunos gravaram o curta, com um ritmo intenso de filmagens.

Durante os meses de setembro e outubro, a equipe do museu se concentrou na preparação dos termos de autorização de uso de imagem e nos preparativos para esta publicação. No mês de novembro, o curta da escola já estava quase pronto, faltando apenas alguns ajustes na edição. Porém, o computador onde o curta estava armazenado quebrou e nenhuma cópia de segurança havia sido feita: todo o material se perdeu! Foram feitas diversas tentativas de recuperação dos arquivos, sem sucesso. A equipe da escola então decidiu se organizar para filmar novamente. Esse episódio nos levou a refletir sobre a importância das cópias de segurança e *backups* dos registros feitos durante todo o projeto.

Entre o fim de novembro e o início de dezembro, aconteceu a última atividade do projeto: a oficina *Cinema e montagem de vídeos*, ministrada por Gabi Seagesser e Jucélio Matos, que se dividiram entre as escolas participantes do projeto. Na Escola Victor Olinto, Gabi foi a responsável. A oficina contou com três encontros e todos foram realizados na escola. O objetivo era introduzir aos alunos o tema da montagem de filmes, produzir e usar imagens já produzidas por alunos para a realização de um vídeo institucional sobre o projeto e de outros cinco vídeos que mostrassem como se deu o projeto em cada escola. No primeiro e no segundo encontro foram usadas a sala de aula da turma e a sala de mídia da escola. Os participantes puderam conversar sobre a montagem de filmes e o trabalho do montador, e ver curtas-metragens brasileiros como *Até onde a vista alcança*, de Felipe Peres Calheiros; *Recife frio*, de Kleber Mendonça Filho; e *Calma, monga, calma*, de Petrônio de Lorena. No terceiro encontro, somente a sala de mídia foi usada e os alunos selecionaram com Gabi imagens para incluir no vídeo sobre a escola. No mesmo dia, os alunos produziram mais imagens para esse vídeo e Gabi realizou entrevistas com algumas alunas e com a professora Jeane para o vídeo institucional do projeto.

Terminada a oficina, tendo já constatado que os arquivos do curta haviam sido perdidos, os alunos se

reuniram para filmar tudo novamente, durante um dia inteiro. Toda a equipe da escola se envolveu para ajudar. Ao final, a turma conseguiu editar e finalizar o vídeo.

No dia 11 de dezembro, enfim, as equipes de todas as cinco escolas se encontraram novamente, no Cinema do Museu, para encerrar o projeto. Todas as equipes das escolas estavam presentes, bem como os funcionários do Museu envolvidos no projeto Memória Social na Escola. Foi uma manhã maravilhosa, onde as escolas e as equipes do museu puderam compartilhar as experiências vividas durante mais de um ano de trabalho. Os vídeos de cada escola e o vídeo institucional foram exibidos e o escopo deste livro foi apresentado a todos. A exibição do curta-metragem da Escola Olinto Victor finalizou a manhã. Foi um momento de muita emoção para todos os presentes.

O projeto Memória Social na Escola é um desafio. O caminho é afetoso, mas complexo: articula, caminha, acelera, pausa, articula, caminha e pausa. Um ritmo que tem por maestro a dinâmica escolar e suas *elasticidades* em relação à comunidade e ao museu. Um movimento de reconfiguração e revitalização constante. Após cada pausa, um respiro para um entendimento sobre a dinâmica escolar e sobre a atuação do Museu do Homem do Nordeste.

ANEXOS

A. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Projeto Memória Social na Escola.

Entrevista de _____, entrevistado por _____ e _____, de _____. Recife, _____, de _____ 2015. Realização: Museu do Homem do Nordeste e Escola Olinto Victor.

Para o primeiro momento, perguntas de identificação e sobre a família do entrevistado, como: (Agradecer antes da primeira pergunta é sempre agradável – é bom também, antes de a entrevista ser gravada, explicar um pouco do projeto para o entrevistado.)

Gostaria que dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.

Qual o nome de seu pai e da sua mãe?

O Sr.(a) tem irmãos? Fale um pouco deles.

O Sr.(a) sabe como seus pais se conheceram e se casaram?

Qual a profissão dos seus pais?

Em seguida, perguntas sobre a infância e a vida escolar do entrevistado:

Descreva um pouco a rua e o bairro que marcaram mais a sua infância; e da casa, o que lembra?

Quais eram suas brincadeiras favoritas?

Da primeira escola, o que se lembra?

Poderia descrever o prédio, as salas e as aulas?

O Sr.(a) estudou até qual série nessa escola?

Algum professor marcou? Por quê?

O Sr.(a) estudou até qual série?

Fale um pouco sobre como era o seu cotidiano escolar (horário das aulas, recreio, entrada e saída, uso de uniforme, festas na escola e qual era o contexto dessas festas).

Qual foi seu primeiro trabalho? Descreva o que o Sr.(a) fazia.

O Sr.(a) é casado(a)? Onde e como conheceu sua(seu) esposa(o)?

Após conhecer um pouco da trajetória do entrevistado, partiremos para o eixo temático – trabalho na escola:

O Sr.(a) frequentou curso superior? Fale um pouco da sua escolha.

Como o Sr.(a) chegou à escola? Concurso, contrato, indicação...

Quais eram suas funções?

Descreva como era a escola nessa época.

Fale um pouco das dificuldades encontradas no início do trabalho.

Quem eram os gestores? Descreva como era a administração da escola nessa época.

Como era a relação de hierarquia?

A relação com os professores e com os alunos, como ocorria?

Quais foram os momentos marcantes dentro da escola, entre bons e ruins? Conte um pouco mais sobre esses momentos.

O que mudou depois disso?

Quais mudanças na escola mais lhe marcaram?

As mudanças de gestores geraram mudanças no seu trabalho na escola?

Como é o trabalho na escola hoje?

Como é a relação com os professores e alunos hoje?

Algumas perguntas são legais para dar finalização à entrevista:

Além do trabalho, quais são suas outras atividades? Igreja, família...?

Qual é hoje seu maior sonho?

Muito obrigado por ter nos ajudado, mas me diga uma coisa, o que o senhor achou de contar um pouco de sua história?

Esse roteiro é apenas uma sugestão, pode ser modificado para o entrevistado específico. É importante registrar o horário de início da entrevista, local, mês e ano de realização, o nome do entrevistador e o nome do entrevistado. Nós sugerimos um “diário de bordo” para colocar as impressões, sensações de erro e acerto, para depois lembrarmos e conversarmos sobre o assunto.

Escolha dos entrevistados

Os critérios estabelecidos para ex-alunos foi apenas o de ter estudado na escola e a disponibilidade para a entrevista. Da mesma forma com os ex-professores e/ou funcionários.

B. ROTEIRO PARA O VÍDEO

1. Breve retrospectiva histórica do ano 1963
(fundo musical para início: Ray Charles, I Can't Stop Loving You)
2. Martin Luther King – Eu tenho um sonho (trecho do sermão)
3. Maurício de Souza criou o personagem Mônica
4. Era inaugurada a escola
5. Timeline dos maiores acontecimentos no mundo no ano de fundação da escola
6. Fala de uma das alunas (Ileide) sobre a fundação da escola
7. Todas as entrevistas
8. Olinto Victor hoje (fala dos alunos Diógenes e Helen)
9. Fala dos alunos do 2º A.

C. RELATOS DE EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS DA OLINTO VICTOR A PARTIR DO MAPA CONCEITUAL DO PROJETO MEMÓRIA SOCIAL NA ESCOLA

Grupo 1: Bárbara, Cíntia, Damaris, Érika, Jéssica, Erick, Alexsandra, Ana Raquel e Andresa

Escola: De alguma forma, o projeto influenciou na diversidade da nossa cultura, havia diversas coisas que estavam inclusas em nosso mundo, mas, antes do projeto não tínhamos conhecimento, como por exemplo o fanzine. Através do projeto nos foi permitido um melhor conhecimento sobre as culturas diversas que nos rodeiam.

Comunidade: Houve participação de algumas pessoas situadas em nossa comunidade, através de entrevistas realizadas na escola por conta do projeto. Em algumas dinâmicas, como na que tivemos que desenhar o mapa, fizemos alguns desenhos ilustrativos representando diferentes pontos bastante conhecidos e frequentados por nós em nossa comunidade.

Museu: Há diversas forma de se mostrar o que foi feito por nós ao longo do projeto. Mas levando em conta algo abrangente e criativo, essa exposição pode ser feita através de um curta bem elaborado e idealizado, no qual as pessoas pudessem se interessar e validar as realizações do projeto.

Grupo 2: Camila, Edleide, Diógenes, Evellyn, Franciele, Gabrielly e Gerlane

Escola: O projeto fez com que os alunos tivessem mais interesse na história da nossa escola. O projeto ajudou os alunos a terem mais interesses culturais e educativos.

Comunidade: A comunidade também teve a oportunidade de poder conhecer melhor a história da nossa escola. Um exemplo são as entrevistas com ex-alunos da escola. São ex-alunos que ajudam nos projetos que a escola cria.

Museu: Ter a história da Olinto Victor exposta no museu proporcionaria uma visibilidade maior para a escola.

Grupo 3: Gleibson, Alexsandro, Helder, Cláudio e Ana Raquel

Escola/Comunidade: Escola se interagindo com a comunidade, criar ONGs de ajuda com projetos, incentivar a educação e a cultura.

Museu/Comunidade: Levar alunos da escola para o museu para ter o conhecimento cultural, ter os materiais de pesquisa e projetos expostos no museu.

Grupo 4: Alicia, Ileide, Islanny, Ialline, Jeferson, Gabriel e Felipe

Escola/Comunidade/Museu: A história da escola exposta no Museu. Mostrar que, apesar de a escola não ter uma boa estrutura, tivemos ótimos resultados desde 2013. Mostrar a evolução da escola no olhar da comunidade. Divulgar no museu as experiências dos alunos com a realização do projeto. Tivemos o apoio da gestão com os professores para realizar o projeto. O projeto possibilitou e incentivou os alunos a procurar a história da sua própria escola.

Grupo 5: Flávio, Bruno, Alexsandro, Edvan, Caio e Davison

Comunidade/Escola: Quando a pessoa mora longe, tem que acordar cedo e se arrumar para não chegar tarde na escola, pois se depender do trânsito, o engarrafamento me atrasa. Da escola para casa, depende do ônibus, que às vezes se atrasa ou não obedece o horário correto.

FICHA TÉCNICA

ESCOLA ESTADUAL DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO OLINTO VICTOR

EQUIPE DA ESCOLA

TURMA DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

- Alessandro Araújo de Oliveira
- Alex Sandro Bezerra da Silva
- Alexandre dos Santos Araújo
- Alessandra Matias da Silva
- Alessandro Virgínio Nunes Batista
- Alicia do Nascimento Procópio
- Ana Raquel da Silva Araújo
- Ana Raquel Santos da Silva
- Andresa Gomes da Silva
- Barbara Leandro da Costa
- Bruna Beatriz Soares dos Santos
- Bruno da Silva
- Caio Nicolas de Oliveira Lima do Nascimento
- Camilla Deolinda Lucena Ponciano de Moraes
- Camilla Monte Barbosa de Araújo
- Cintia Barbosa Muribeca
- Claudio Josué de Lima
- Cleyce Batista dos Santos Costa
- Damaris Kelly da Silva Prazeres
- Davison Silva do Nascimento
- Diógenes Pereira de Lira
- Eberson Vitor do Nascimento
- Edleide da Silva Santos
- Edvan Rodrigues da Silva Junior
- Elder Felipe de Moura Silva
- Erik Santos da Silva
- Erika Gomes Dias
- Evaniele Chagas dos Santos
- Evellyn Dayane Moura da Silva
- Fábio Cícero Bezerra de Menezes Junior
- Felipe Ramon de Freitas Cabral
- Flavio Henrique de Holanda Bezerra de Menezes
- Franciele Vanessa Gomes dos Santos
- Gabriel Santos de Lima

Gabrielly Kelly Gomes de Araújo

Gerlane Santos de Amorim

Gleibson André de Lima

Hellen Maria Lima dos Santos

Ialline Maria de Souza Nunes Pereira

Ileide Maria Severo Clemente

Islanny Sousa de Melo

Jeferson do Nascimento Pereira

Jessica Cristina dos Santos

PROFESSORES

Edson Araújo

Juliana Oliveira

Jeane Lima: professora de História e coordenadora da escola

Marco Vinício: professor de História

EQUIPE DO MUHNE

Mariana Ratts

Nayara Passos

Raysa Louisier

ENTREVISTADOS

EX-ALUNOS

Cristina Antônia

Samuel Severino

Manoel José

Iracema

Elizabeth

PROFESSORES

Sílvia Pereira

Marisete

FERRAMENTAS E LINKS ÚTEIS

SITES

Blog da Escola: <http://olintov.blogspot.com.br/>

Grupo no Facebook para o diálogo entre a escola e o museu: <https://www.facebook.com/groups/798132043567229/?fref=ts>

Página da escola no Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Escola-de-Refer%C3%A4ncia-em-Ensino-M%C3%A9dio-Olinto-Victor/734555836655254?fref=ts>

2

ESCOLA MUNICIPAL JOAQUIM NABUCO

Engenho Massangana, s/nº, Massangana – Cabo de Santo Agostinho/PE.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A ESCOLA

A Escola Municipal Joaquim Nabuco está localizada no bairro de Massangana, área rural do município do Cabo de Santo Agostinho (PE). A turma que participou do projeto **Memória Social na Escola** é a do 5º ano do ensino fundamental, formada por alunos na faixa etária entre 9 e 12 anos. As atividades desenvolvidas buscaram estabelecer relações entre a história da comunidade onde vivem, a escola em que estudam e o Engenho Massangana. O ponto de partida foi uma questão curiosa, sempre mencionada por moradores mais antigos: é provável que a escola nem sempre tenha estado onde se encontra atualmente e que sua primeira instalação – por volta de 1940 até aproximadamente a década de 1980 – tenha sido dentro do Engenho Massangana, hoje um museu inserido na comunidade.

Considerando que tanto a escola quanto o engenho são referências dentro do projeto, a temática que centralizou as atividades foi a relação entre esses espaços. Desse modo, junto aos alunos, começamos a construir instrumentos que pudessem ajudar a reconhecer como as experiências vividas em um equipamento cultural como o Engenho Massangana, ligadas às vivências na própria escola, podem ser importantes para conhecer a organização atual da comunidade onde ambos se inserem. Isso porque é no entorno da escola e do engenho que os alunos residem. Além disso, a maioria tem parentes que estudaram na escola, seja em tempos mais recentes, onde ela se encontra hoje, seja no tempo não tão distante em que funcionou dentro do museu.

Nesse sentido, o projeto se desenrola por meio de fios que se entrecruzam e incentivam os participantes a desenvolver uma identificação maior com a localidade onde residem. Isso possibilita, por meio do

(re)conhecimento da sua própria história, o desenvolvimento de noções valorativas de pertencimento, identidade, valor e cultura, tanto em relação à comunidade, quanto em relação à escola.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

O primeiro contato da Escola Joaquim Nabuco com o projeto ocorreu quando uma equipe de técnicos da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) realizou uma visita à instituição. Na ocasião, a equipe apresentou a concepção do projeto Memória Social na Escola à direção da escola e à professora Renata Fialho, da turma do 5º ano. Nesse primeiro contato, a ideia era explicitar a intenção da Fundaj ao se aproximar do universo escolar: estabelecer uma comunicação entre o museu e a escola, valendo-se de conceitos como identidade, memória, cultura e patrimônio e, com isso, fortalecer o protagonismo da comunidade escolar na (re)construção da sua história e da sua relação com o cotidiano.

Passada a apresentação do projeto aos gestores, foi o momento de conhecer os alunos com quem iríamos construir o projeto. A escuta nos primeiros contatos foi fundamental. Em conversa com o grupo, a professora ressaltou a aproximação que a escola já tem com as atividades realizadas no Engenho Massangana e que já existe, no seio escolar, certo consenso sobre a importância de levar os alunos para conhecer o espaço, sem que, contudo, nunca tenha havido interesse, até então, em explorar o fato de a escola já ter funcionado ali.

Esse projeto, ainda segundo a professora, pôde colaborar para que os alunos reconhecessem sua história e a de seu bairro de forma mais efetiva. Muitos alunos se mostraram interessados em participar do projeto e, mesmo sem saber direito o que significa, conceitualmente, a memória, davam indícios de compreender que, nesse projeto, iriam conhecer algo que já aconteceu e também construir o novo.

Um momento importante também se deu quando, nas conversas iniciais, contamos que a escola já havia funcionado no engenho e perguntamos se eles não gostariam de saber como foi essa história. Diante das primeiras impressões, combinamos com os alunos que faríamos entrevistas com pessoas da comunidade escolar, seus familiares, amigos, vizinhos e quem mais pudesse ajudar a conhecer melhor a memória da escola. Sem perder de vista, contudo, o trabalho de interpretação dessa história, que era o que mais importava, pois eles teriam que escolher como contar a história passada e a de hoje.



Caminhada pela comunidade.

Após conversar bastante sobre “o quê?” e “como” perguntaríamos nessas entrevistas sobre a história da Escola Joaquim Nabuco, decidimos elaborar um roteiro de perguntas e, em seguida, realizar testes entre nós. Toda a classe e a equipe técnica foram protagonistas nesse primeiro ato. Chamamos essa atividade de *ensaio*. Nela, os alunos ora eram entrevistadores, ora eram entrevistados. O teste com o roteiro de perguntas demonstrou que antes era preciso deixar os alunos mais à vontade, sem seguir regras, pois esse era o primeiro contato deles com uma atividade de filmagem. Foi o que fizemos.

Assim, incluímos questões simples como “Qual o seu nome?”, “Quantos anos você tem?”, “Onde você mora?”, e outras mais ligadas à vida pessoal do entrevistado. Isso foi aos poucos abrindo espaço para novas questões, como, por exemplo, “Do que você gosta de brincar?”, “Você gosta da sua escola?”, “O que você faz quando está em casa?”, “O que você gosta de comer?”, “A o que você gosta de assistir?”, entre outras.

Como o *ensaio* foi feito na escola, as crianças puderam também entrevistar adultos. Assim, a professora, a diretora e uma merendeira participaram da atividade. Nesse momento, as crianças já puderam instrumentalizar conceitos como os de passado, presente e futuro, e perguntas relacionadas à infância se misturaram a outras sobre o conhecimento ou não do fato de a escola ter funcionado no engenho e, principalmente, sobre como é estudar ou trabalhar na escola hoje.



Ensaio das entrevistas.

Com o movimento de entrevistar em que as crianças pareciam brincar de descobrir e contar segredos, percebemos uma familiarização entre gerações e questões sobre o passado começaram a fazer sentido no presente. Isso ficou demonstrado pelo interesse das crianças nas respostas dos adultos sobre as brincadeiras do passado, no contato com os mais velhos da comunidade, nas lembranças de como era o bairro de Massangana e como era a experiência de ir à escola naquele tempo. Tudo foi registrado em vídeo.

Nesses vídeos, que durante o projeto serviram para nortear as demais atividades de preparação para as entrevistas com os moradores, podemos perceber a evolução da compreensão dos alunos sobre bases conceituais como *identidade, história, valor, lugar* etc. Da atividade do ensaio à saída pela comunidade se passaram quase dois meses. Nesse tempo, os alunos tiveram contato direto com o significado de temas que vínhamos abordando, através de visitas a equipamentos da Fundaj como o Cinema do Museu, o Museu do Homem do Nordeste (Muhne) e o próprio Engenho Massangana.

Na ida ao Muhne, os alunos conheceram a exposição *Nordeste: Territórios plurais*. A mediação enfocou temáticas que despertavam a compreensão das diferenças que compõem o Nordeste. A visita permitiu ainda, durante as conversas com os alunos, tratar de questões como as mudanças trazidas para a comunidade de Massangana pela instalação e ampliação do Complexo Industrial e Portuário de Suape, como o aumento da população, por exemplo. Isso influenciou diretamente o cotidiano da escola, pois ela passou a receber alunos de diversas partes do Brasil. Além disso, falamos sobre o fato de que as terras onde a escola está situada pertencem ao Complexo de Suape e que, por questões de responsabilidade social, muitas empresas procuram a escola para desenvolver atividades sociais.

Do mesmo modo, a visita ao já conhecido Engenho Massangana foi estrategicamente pensada para

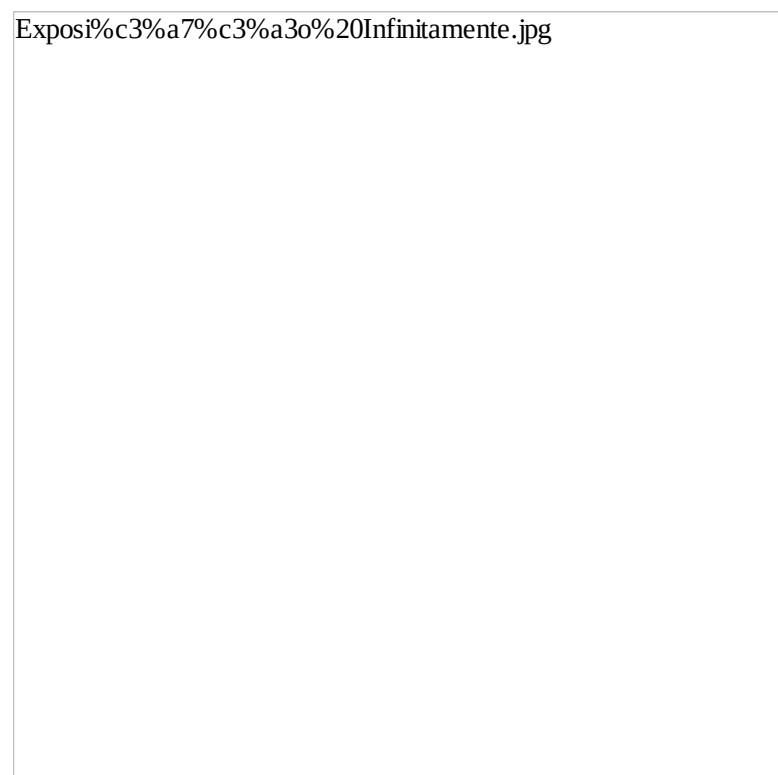
possibilitar que a relação da escola com o espaço fosse melhor apresentada. Para isso, a mediação dedicou-se a trazer questões relacionadas ao período de funcionamento da escola naquele espaço. Com isso, foram levantadas informações e curiosidades que os alunos poderiam aproveitar quando fossem entrevistar pessoas da comunidade que lá estudaram ou que de alguma forma têm conhecimento sobre o assunto. Assim, nessa visita eles puderam conversar sobre questões como, por exemplo, “Por quanto tempo a escola funcionou lá?”, “Em quais cômodos as aulas aconteciam?”, “Existem documentos que tratam desse tempo?”, “Como eram as aulas? E as brincadeiras?”...



Brincando no Engenho.

Outras atividades contribuíram nesse processo de aproximação entre o cotidiano escolar, a comunidade e o engenho, como a participação da turma na Semana Nacional de Museus, que tinha por tema “Museus para uma sociedade sustentável”. Nessa semana, sugerimos uma atividade chamada *Campanha do objeto*, propondo que os alunos escolhessem objetos que julgassem pertinente estar no museu para lembrar às pessoas como cuidar bem do meio ambiente. A oportunidade serviu também para que problemas do bairro viessem à tona como, por exemplo, a falta de saneamento básico, as deficiências no transporte etc.

Outra ação foi coordenada pelo artista plástico Joelson Gomes, que tinha a exposição temporária *Infinitamente* instalada no engenho. O artista promoveu debates acerca da ideia de continuidade, permanência, temporalidade e limites humanos, e possibilitou a intervenção dos alunos na exposição com postagens, pinturas e produção de objetos de barro. Além dessas atividades, foi realizada uma oficina *Requalificação de dispositivos móveis*, ministrada por Luiz Santos, com o objetivo de instrumentalizar os alunos no tocante ao uso dos aparelhos eletrônicos de que dispunham para realizar as entrevistas.



Exposição Infinitamente.

Antes de eleger quem seriam os entrevistados oficiais, e com a ideia de colher o máximo possível de informações, os alunos fizeram diversas conversas com moradores, fotografando e filmando cada uma. O material foi exibido para o grupo e, a partir daí, foram escolhidas as pessoas/personagens que comporiam o vídeo final do projeto.

A primeira entrevistada foi D. Ilda, uma senhora que vive na comunidade de Massangana há mais de 70 anos e cujos filhos e netos foram estudantes da escola. Ela vivenciou de perto as mudanças ocorridas no bairro ao longo do tempo. É importante frisar que essa entrevista foi conduzida exclusivamente pela professora Renata Fialho, tendo em vista a escola como protagonista do projeto, cuja metodologia pode ser incorporada à prática didática docente.

O segundo entrevistado foi o Sr. Alexandre Sousa, morador da comunidade e gestor do engenho há mais de 25 anos. Na ocasião, os alunos puderam perguntar sobre as decisões que levaram a escola a sair do engenho. Além disso, em razão de o entrevistado ter sido líder comunitário durante muito tempo, surgiram perguntas relacionadas à infraestrutura, mobilidade urbana e assistência médica da comunidade.

As demais entrevistas ainda dependem da disponibilidade de agenda dos entrevistados para que sejam realizadas. Assim, o projeto Memória Social na Escola encontra-se em andamento e muitas reflexões ainda podem surgir.

ESTRATÉGIAS E METODOLOGIA

Para que o projeto pudesse acontecer de forma efetiva, era preciso, antes de tudo, nos ajustar à dinâmica da escola e também direcionar alguns pontos na dinâmica da própria equipe técnica envolvida. Isso porque, embora trabalhássemos na mesma instituição, atuávamos em espaços diferentes. Internamente, adotamos que a comunicação seria nosso mais precioso instrumento.

Assim, ficou determinada a elaboração de relatórios para cada reunião ou atividade realizada. Ainda utilizamos permanentemente e-mails para o repasse de informações durante o processo. Isso é importante porque trabalhamos com a autonomia das ações individuais, de modo que a ausência de um dos membros não inviabilize a realização das atividades programadas, ou de qualquer outra que surja. Além disso, o Facebook vem servindo de instrumento para a comunicação imediata caso seja necessário.

Com relação à coordenação geral do projeto, encontros mensais são agendados previamente pela direção do Muhne e nelas apresentamos o andamento do processo. Basicamente, falamos sobre o que está acontecendo em cada escola. Desses encontros muitas vezes surgem demandas, tais como a inclusão, dentro do projeto Memória Social na Escola, de outras atividades e ou projetos realizados pela Fundaj, como foi o caso do projeto Curta o Circuito e da já mencionada oficina *Requalificação de dispositivos móveis*.

A junção com outros projetos trouxe bons resultados. Embora as visitas aos equipamentos da Fundaj já tivessem sido iniciadas, adotou-se a metodologia da ação educativa Curta o Circuito, cujo objetivo é promover visitas a espaços da Fundaj como o cinema, o Muhne e o Engenho Massangana.

Do mesmo modo, a oficina *Requalificação de dispositivos móveis*, que deveria ter como função direcionar os alunos para o aprimoramento das máquinas e celulares, se mostrou eficiente à sensibilização dos mesmos, através da elaboração de mapas afetivos.

Em relação à Escola Joaquim Nabuco, foi acordado previamente com a professora que realizaríamos as atividades com os alunos nas instalações da escola. Para as indispensáveis saídas, entretanto, seria necessária a autorização prévia dos pais e/ou responsáveis e também o acompanhamento da docente ou de outro integrante da escola junto aos alunos. A professora mencionou que essa já era uma prática da escola e que não haveria problema em relação a isso.

Com o passar do tempo, percebemos que, além de ser um instrumento jurídico, o documento para autorização de saída dos alunos servia também para informar os pais sobre o que estava sendo vivenciado na dinâmica escolar de seus filhos. Isso fez com que alguns pais viessem a buscar mais informações sobre o projeto. Além disso, soubemos que os alunos insistiram em entrevistar os pais e

seus familiares em casa, o que revela indícios de bons resultados do projeto.

Sobre os conteúdos, não tivemos tempo hábil para tratar dos temas sistematicamente. Entretanto, como em todas as atividades eles eram a base dos diálogos, podemos considerar que não houve desgaste ou ausências de elementos que prejudicassem a compreensão por parte dos envolvidos no projeto.

É importante frisar que, embora o projeto não tenha encontrado nenhum tipo de resistência por parte da comunidade escolar, nem da comunidade de Massangana, a não participação de outras turmas da escola nas atividades por vezes gerou a necessidade de esclarecer aos demais professores sobre a importância que a atividade traria à escola por meio de seu produto final, ou seja, um vídeo no qual as crianças, através de entrevistas, apresentarão compreensões acerca da história da escola. Além disso, o projeto prevê que os envolvidos tornem-se multiplicadores da experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que em um projeto como o Memória Social na Escola, que busca tratar da memória da escola e de sua inserção na vida dos alunos e da comunidade, precisa, como também constatou a professora Renata Fialho, fazer parte do projeto pedagógico da escola e ser iniciado desde o começo do ano letivo, tornando-se uma ferramenta a serviço de todas as disciplinas e turmas.

Institucionalmente, a principal dificuldade até agora foi a falta de tempo para elaboração, execução e, principalmente, avaliação das ações. Embora tenhamos buscado tratar minimamente da avaliação na produção dos relatórios, tais documentos não comportam uma análise crítica à altura dos resultados obtidos. Mesmo que tenham ajudado equipes de outras escolas envolvidas no projeto.

Podemos afirmar que, embora tenha sido uma experiência indiscutivelmente exitosa, ainda precisamos de outros indicadores, como modelos de avaliação, maior fluxo de informações entre as equipes, compartilhamento dos vídeos, entrevistas e imagens, realização de mais encontros de formação interna e junto a professores e alunos, entre outros. Essas questões certamente darão às equipes condições de melhor atuação e à Fundaj, conseqüentemente, maior compreensão acerca de seu papel na aproximação com o universo escolar.

Por fim, seria um equívoco não apresentar a experiência do projeto como algo de extrema relevância pessoal, tendo em vista o quanto aprendemos sobre pertencer a algum lugar. Conhecer minimamente o que crianças de 9 a 12 anos passaram a admirar acerca de sua atuação na história do local onde vivem gerou em nós um olhar mais atento ao papel que assumimos quando nos fizemos presentes em sua rotina. O carinho, respeito e admiração que recebemos a cada visita é infinitamente maior que as dificuldades

enfrentadas.

O esforço pessoal que cada um de nós precisou empreender, nesse primeiro ano de projeto, será sempre compensado a cada lembrança dos sorrisos e abraços que nunca deixarão de existir em nossos relatos sobre o que significa tornar pessoas até então completamente desconhecidas em memoráveis.

FICHA TÉCNICA

ESCOLA MUNICIPAL JOAQUIM NABUCO

EQUIPE DA ESCOLA

TURMA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Adriel Rodrigo do Nascimento

Allefi José Santana de Souza

Álvaro Luíz Silva de Aguiar

Ana Clara da Silva

Ana Claudia da Silva

Beatriz Ferreira do Nascimento Santos

Danieli Cristina da Paz Santos Xavier

Diogo do Nascimento Silva

Estevão Alberto da Silva

Graciene Severo do Nascimento

Iara do Nascimento Silva

Jaedson Pedro dos Santos

Kallyne Vitória da Silva Oliveira

Laisa Gabrielly da Silva

Letícia Cristina da Silva

Marcos Henrique Cardoso do Nascimento

Matheus Jonatas da Silva Oliveira

Neemias José Barbosa

Rodrigo Valetim de Souza

Tailane Gabriela dos Santos Silva

Valdiele Valéria da Silva dos Santos

Yasmim Manuela da Silva

PROFESSORA

Renata Fialho: professora polivalente, licenciada em Ciências Biológicas e Pedagogia e especialista em Zoologia.

EQUIPE DO MUHNE/ENGENHO MASSANGANA

Edna Silva
Enerson Silva
Fernanda Silva
Igor Amarante
Isabelle França

PARA SABER MAIS

[VÍDEO DA ESCOLA MUNICIPAL JOAQUIM NABUCO](#)

3

ESCOLA MUNICIPAL MINISTRO ANDRÉ CAVALCANTI

Rua do Ferreiro, s/nº, Engenho Mercês – Cabo de Santo Agostinho/PE.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A ESCOLA

A Escola Municipal Ministro André Cavalcanti está localizada nas terras do antigo Engenho Mercês, área rural do município do Cabo de Santo Agostinho (PE). Conhecido até a década de 1970 como grande produtor de açúcar da região, o bairro de Mercês atualmente não possui expressividade econômica. Com infraestrutura deficitária, sofre influências diretas do processo de desenvolvimento/desordenamento econômico provocado pela implantação do Complexo Portuário de Suape na região do Cabo.



Ruínas da usina.

A EXPERIÊNCIA DO PROJETO NA ESCOLA

No mês de setembro de 2014, visitamos a escola pela primeira vez para convidá-la a construir um projeto sobre memória social que seria desenvolvido por professores e alunos junto ao Museu do Homem do Nordeste (Muhne) e à Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Tendo aceitado nosso convite, a gestora e quatro professores participaram de três encontros, entre os meses de outubro e dezembro, junto a professores de outras escolas integrantes do projeto e às equipes do Muhne e da Fundaj. Nesses encontros foram estudados temas relacionados à memória social, e foram construídos processos metodológicos para a elaboração e aplicação do projeto em cada escola, sempre tendo em mente as especificidades de cada instituição e seus respectivos objetivos com relação ao projeto.

Nosso primeiro encontro com os alunos do 8º ano ocorreu no início do ano letivo, em fevereiro de 2015. Estavam presentes a equipe do projeto vinculada à Fundaj, além dos dois professores que acompanhariam o projeto durante toda sua edição. Esse encontro teve por objetivo apresentar o projeto construído pelos professores da escola aos alunos e promover uma reflexão sobre os conceitos de memória coletiva e individual. Buscamos então compreender os conhecimentos que os alunos possuíam acerca da temática do projeto, ou seja, o que sabiam sobre a história da comunidade de Mercês e que visão possuíam do local onde vivem. Nesse momento percebemos a necessidade de remodelar o projeto pensado para aquela turma, tendo em vista os constantes relatos dos alunos de rejeição ao bairro onde vivem, por se tratar de uma comunidade rural, distante do centro do município. Sentimos que seria necessário integrar discussões sobre processos identitários ao projeto. Foi acordado, então, que o

projeto da escola abordaria a história do bairro de Mercês, relacionando-a aos processos de construção identitária dos alunos. Assim, os alunos realizariam entrevistas com pessoas da comunidade, além de produção textual acerca das temáticas abordadas durante as atividades do projeto.

A Fundação Joaquim Nabuco possui aparelhos culturais que acreditamos ser importantes para a promoção da discussão do conceito de memória. Assim, decidimos incorporar à metodologia de trabalho visitas ao Engenho Massangana e ao Museu do Homem do Nordeste.

O primeiro museu visitado pelos alunos foi o Engenho Massangana, tendo em vista as semelhanças históricas entre a comunidade de Mercês e a comunidade de Massangana, ambas situadas na área rural do Cabo de Santo Agostinho, surgidas a partir da instalação de engenhos de cana-de-açúcar, ainda no período da colonização. Assim, na visita ao Engenho Massangana foram destacadas as semelhanças históricas de ambas as comunidades, além da importância da preservação da memória de comunidades como a de Mercês, tendo em vista sua relevância para a compreensão histórica não só da localidade, mas do processo de colonização do Nordeste brasileiro.

Este foi o primeiro contato dos alunos com um espaço museal, o que despertou encantamento e surpresa, já que nessa primeira visita foi possível perceber aspectos semelhantes entre o museu e a comunidade de Mercês, tanto em relação à arquitetura quanto a elementos da natureza. Como produto dessa atividade, os alunos analisaram as fotografias feitas por eles no espaço do museu, discutindo semelhanças e diferenças entre o Engenho Massangana e o bairro de Mercês.



Visita ao Engenho Massangana.

Também foi realizada visita ao Museu do Homem do Nordeste, tendo por objetivo discutir os processos de conservação da memória local de forma mais ampla, observando como as identidades da região

Nordeste são apresentadas naquele espaço e em que medida a história de Mercês surge na exposição permanente do museu.

Outras atividades foram desenvolvidas posteriormente nas dependências do Museu do Homem do Nordeste e do Engenho Massangana. O Muhne abriga a exposição temporária *Patrimônio em disputa*, que discute questões relacionadas ao patrimônio material e imaterial, através do processo de tombamento de prédios históricos na cidade do Recife no início do século 20. Visitar essa exposição trouxe conteúdos ao trabalho desenvolvido com os alunos em sala de aula sobre os processos de lembrança e esquecimento da memória do bairro de Mercês.

No Muhne, os alunos ainda puderam assistir a curtas-metragens no Cinema do Museu. Para muitos, esta foi a primeira experiência numa sala de cinema. Nessa atividade, eles conversaram com o diretor de uma das produções exibidas, dialogando sobre o processo de construção de uma história, como a elaboração de roteiro, a seleção de atores, além da escolha de locais para realizar as gravações do filme. Essa foi uma atividade importante para o projeto desenvolvido pelos alunos, uma vez que compreender a estruturação de um filme facilita o processo de elaboração de entrevistas, que também envolve a criação de um roteiro sobre a temática a ser discutida, escolha do entrevistador e do local para a realização da entrevista, seleção de instrumentos de captação de som e imagem, entre outros.

Dentre as atividades desenvolvidas no Engenho Massangana, foi realizada uma oficina relacionada à exposição do artista plástico Joelson Gomes, na qual as crianças foram convidadas a elaborar desenhos e pinturas e a produzir esculturas de barro. O objetivo era explorar a subjetividade no processo de construção do conhecimento.

Atividades semanais foram desenvolvidas em sala de aula, entre elas, a produção textual dos alunos sobre suas experiências durante as visitas ao Engenho Massangana e ao Museu do Homem do Nordeste. Por meio dessa produção procuramos construir o escopo das narrativas sobre a comunidade de Mercês e sua importância histórica no contexto no qual se insere.

Outra atividade desenvolvida em sala de aula foi a construção coletiva de mapas afetivos da comunidade de Mercês, ou seja, os alunos desenharam suas memórias geográficas relacionadas ao bairro onde vivem. Na conversa inicial sobre os aspectos positivos e negativos da comunidade de Mercês, os alunos destacaram especialmente os pontos negativos, como a falta de infraestrutura da comunidade, relacionando-os ao seu caráter rural e ao distanciamento do centro da cidade do Cabo. Porém, durante a construção dos mapas afetivos, os próprios alunos perceberam ter desenhado o bairro de Mercês de forma muito mais agradável do que o relato que haviam feito.

Aliás, outras localidades do Engenho Mercês, como Sabiá, Utinga de Cima e Utinga de Baixo, foram desenhadas pelos alunos, revelando a existência de outras comunidades correlacionadas à Mercês. O campo de futebol e a bica receberam destaque, pois estão entre os poucos locais de lazer da comunidade. Além disso, foram desenhadas construções erguidas ainda no período de produção de açúcar na região, como é o caso do antigo cinema do engenho. Assim, nos utilizamos da experiência de construção coletiva do mapa afetivo para abordar questões relacionadas à história oral, à memória e à identidade.

Em meio à realização dessas atividades, os alunos integrantes do projeto **Memória Social na Escola** foram convidados a participar de ações que ocorrem regularmente nos aparelhos culturais da Fundaj. A Semana Nacional de Museus e o projeto Curta o Circuito são alguns exemplos. Isso permitiu o desenvolvimento de atividades que trouxeram maior lucidez à discussão dos temas gerais abordados por todas as escolas participantes do projeto.

Compreendemos a importância de possibilitar aos alunos experiências diferenciadas para o processo de aprendizagem e julgamos de extrema relevância a utilização dos aparelhos culturais que a Fundaj dispõe para construção e instrumentalização dos conceitos trabalhados no projeto. Porém, em alguns momentos, foram realizadas muitas atividades em um curto espaço de tempo, dificultando o processo de aprendizagem. Sugerimos que essas atividades sejam distribuídas ao longo do ano para que os alunos possam melhor aproveitar os novos conhecimentos adquiridos na execução do projeto.

No âmbito do projeto Memória Social na Escola, também foi realizada uma oficina sobre a utilização de dispositivos móveis – câmeras fotográficas e filmadoras, além de celulares, *tablets* e gravadores para registro das atividades realizadas ao longo do projeto. Nessa oficina, desenvolvemos com os alunos atividade destinada à construção de roteiro de entrevistas, na qual foram destacados elementos importantes para a abordagem das temáticas propostas no projeto. Junto a isso, foram realizadas entrevistas-testes na própria sala de aula, ou seja, todos nós, equipe do Muhne, alunos e professores da escola, fizemos entrevistas uns com os outros. Em um primeiro momento, utilizamos roteiro construído coletivamente. Posteriormente, realizamos as entrevistas sem utilização do roteiro, estimulando a autonomia dos alunos frente à atividade proposta.

Através dessa atividade, pudemos compreender como é possível utilizar o aparelho celular para fazer uma boa filmagem, como funciona a captação de áudio, questões como o tom de voz, postura em frente às câmeras, entre outros elementos. Além disso, a realização dos testes foi fundamental para a preparação das entrevistas, além de proporcionar momentos de maior autoconhecimento e aprofundamento da relação entre os alunos e os professores da escola que foram convidados por eles a participar da atividade.



Entrevista.

Foram realizadas, ainda, duas caminhadas pelos arredores de Mercês, com o objetivo de observar a comunidade de forma diferenciada, procurando reconhecer elementos que os alunos julgavam importantes para representar a história do bairro. Primeiro realizamos uma aula de campo sobre o local, na qual os alunos fizeram fotografias e entrevistas com moradores, a fim de aprofundar seus conhecimentos em relação à região. É importante destacar que a professora Gisleyne Portela, participante do projeto, possui um livro de poemas – *Um tempo em Mercês*, escrito por Monte Lopes – que descreve vários locais, acontecimentos e lendas de Mercês, sendo este o único documento ao qual se teve acesso durante a execução do projeto. A visita ao bairro, então, buscou compreender elementos sobre a região ainda desconhecidos por alunos e moradores.

Ao realizar atividades em sala de aula, percebemos que alguns alunos residiam na comunidade de Sabiá, localizada às margens. Esses alunos, porém, aparentavam desconforto ao mencionar o local onde vivam, por este ser muito distante da Rua do Ferreiro, onde a escola está localizada. Diante da situação, decidimos realizar uma segunda caminhada rumo a Sabiá, contando com o pai de um dos alunos como guia. A participação do Sr. Marcos foi fundamental para a realização dessa atividade.

Durante a caminhada até Sabiá, observamos que os alunos que ali residem caminham, em média, duas horas diárias para ir e voltar da escola, entre matagais, áreas de brejo e riachos. Apesar dos inconvenientes dessa caminhada diária para os alunos que precisam realizá-la, comprometendo, por exemplo, seu deslocamento até a escola em dias chuvosos, eles fizeram registros em vídeo e fotografia que expressam a beleza do trajeto. No caminho, encontramos outra escola de ensino básico em uma localidade próxima, conhecida como Utinga de Baixo. Ali os alunos realizaram entrevista com uma professora da escola, que destacou os problemas que ela e seus alunos enfrentam para se deslocar diariamente pela comunidade, dada a inexistência de serviço público de transporte.



Caminhada à Sabiá.

Após a realização dessa caminhada, os alunos produziram textos nos quais relataram suas percepções sobre as entrevistas feitas com os moradores das comunidades visitadas, destacando pontos positivos e negativos de se viver em um bairro como Mercês, onde há carência de escolas de ensino médio, falta transporte público de qualidade, a atividade econômica é inexpressiva, mas que ao mesmo tempo é um local calmo e arborizado, onde as relações interpessoais são mais acentuadas.

Tendo por objetivo discutir a ocorrência de diversos pontos de vista sobre uma mesma história, os alunos assistiram ao filme *Narradores de Javé*. Nessa atividade, eles debateram a importância do registro escrito no processo de conservação da memória, além da relativização do que se concebe como realidade absoluta, já que o narrador da história influencia diretamente no que se convencionou enquanto informação passível de classificação histórica. Assim, fizemos um exercício comparativo entre a história do filme e a história da comunidade de Mercês, na busca de semelhanças entre as duas realidades discutidas em sala de aula.

Como relatado anteriormente, tivemos acesso ao livro *Um tempo em Mercês*, que conta histórias da comunidade por meio de poemas que retratam vários de seus acontecimentos. Esta importante produção textual – compartilhada com todos os alunos através de cópias – foi trabalhada em sala de aula, junto a textos de outros autores, como José Lins do Rêgo e Joaquim Nabuco, num processo de reconhecimento local a partir da literatura.

METODOLOGIA DE TRABALHO

A elaboração das atividades desenvolvidas com os alunos se deu a partir da construção de uma metodologia de trabalho que envolve a priorização da comunicação entre a equipe do Muhne e os professores da escola. Neste sentido, procuramos produzir relatórios de todos os encontros realizados com os alunos, sistematizando o desenvolvimento das atividades. Isso permitia que todos os componentes da equipe estivessem a par de todas as atividades realizadas. Apesar desse esforço, houve problemas de comunicação entre nós e a escola.

Em algumas ocasiões, os professores da turma do 8º ano não tinham conhecimento das atividades que iríamos desenvolver com os alunos. Percebemos, então, que havia dificuldades de comunicação entre a direção da escola e alguns professores envolvidos no projeto. Nós, enquanto equipe, conversamos com a direção da escola sobre formas de solucionar este problema. Em um esforço coletivo, a gestão escolar adotou o uso do mural de avisos específico para o projeto, visível a todos. Nesse processo, percebemos a importância de apresentar os objetivos do projeto a todos que compõem o corpo docente da instituição escolar, tendo em vista que as atividades desenvolvidas interferem na dinâmica da escola.

Para facilitar a comunicação, a professora que colabora com o projeto criou um grupo em uma rede social com todos os integrantes do projeto em Mercês. Nesse espaço, alunos, professores, equipe do Muhne e moradores da comunidade compartilham informações sobre a história do bairro de Mercês, além de textos, vídeos e imagens que contribuem para o processo de formação e fortalecimento de conceitos relacionados ao projeto.

Para a elaboração e execução do projeto, foi fundamental o trabalho em parceria entre a equipe da Fundaj e os professores da escola. Gisleyne Portela, professora de Língua Portuguesa, conduziu grande parte das atividades desenvolvidas em sala de aula com os alunos. Estudante de mestrado em Letras, onde desenvolve pesquisa sobre produção textual, a professora conseguiu conciliar as atividades do projeto Memória Social na Escola com seu projeto de pesquisa, valendo-se, assim, da possibilidade de ampliação do seu campo investigativo durante o exercício da docência, fortalecendo o processo de ensino-aprendizagem na escola.

O professor de História e Geografia Ubirajara Amâncio da Silva, que participa de movimentos sociais atuantes na comunidade, além de conduzir parte das aulas práticas nos arredores de Mercês, nos ajudou a compreender os processos históricos que permeiam a comunidade desde os anos 1970 até o momento atual.

Vale ressaltar também que a colaboração da gestão da escola, que nos abriu as portas da instituição, foi fundamental para a realização das atividades, nos dando respaldo para o desenvolvimento das ações com

os alunos e compreendendo, assim, a importância do projeto na dinâmica escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Memória Social na Escola é de grande relevância, entre outras coisas, porque proporciona a transversalização dos conteúdos que constam nos currículos escolares, utilizando-se de eixos como cultura visual, comunicação e humanidades. Neste sentido, acreditamos que a estruturação deste projeto pode contribuir, por exemplo, para o desenvolvimento de processos interdisciplinares na escola, em que professores de diversas áreas podem, por meio de uma mesma atividade, estimular nos alunos a compreensão de conteúdos de forma mais integrada. Apesar disso, sabemos que o projeto está longe de modificar a realidade das escolas que constroem conosco este trabalho. Nossa proposta é proporcionar instrumentos que possibilitem a abordagem de assuntos relacionados à história oral e sua relevância na (re)construção da memória e no cotidiano da comunidade escolar.

A memória permeia o campo da subjetividade, consolidando-se no movimento de lembrança e esquecimento do que vivenciamos cotidianamente. O acesso ao “eu” e ao “nós” do passado se expressa em palavras, gestos e imagens, de forma a compor fragmentos do que somos. Não há resgate, há lembranças. Não há possibilidade de acesso irrestrito ao que se passou, pois nossa forma de interpretar o mundo muda. Nesse sentido, consultar a memória é adentrar ao passado possível a partir da perspectiva do que somos hoje. E neste movimento estamos todos nós. As experiências que nós, equipe Muhne, tivemos ao longo desse projeto habitam o campo da lembrança, do acessível, do possível, onde o limite entre o profissional e o pessoal em alguma medida se perde. Limite este que não está em tensão, mas em fusão, onde o campo do teórico se aproxima do prático, onde o “eu” e o “eles” se tornam “nós”. Ou seja, a construção do conhecimento se dá de forma dialógica. Assim, encontramos a possibilidade de construção conjunta de conhecimento, em um movimento de encontro entre museu e escola.

FICHA TÉCNICA

ESCOLA MUNICIPAL MINISTRO ANDRÉ CAVALCANTI

EQUIPE DA ESCOLA

TURMA DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Amanda Nascimento de Oliveira

Daniela Monteiro da Silva

Gleybson Elias Pereira da Silva

Herica Melissa da Silva Oliveira

Ingrid Aparecida Lima da Silva

Jaciel Antônio da Silva

Ketilli Ramos de Santana

Lucas Ferreira da Silva

Marcos Antônio Francisco da Silva

Maria Vitória da Silva

Mikaelly Layane da Silva

Micael Emerson dos Santos

Nicolle Evelin de Lima

Rosângela Cassiano das Neves

Samantha Cristina Barbosa Ferreira

Tiago Alves José Gomes

Vitória de Souza Silva

Wesley Rufino da Silva

PROFESSORES

Gisleyne Cássia Portela Costa: professora de Letras

Ubirajara Amâncio da Silva: professor de História e Geografia

EQUIPE MUHNE/ENGENHO MASSANGANA

Edna Silva

Enerson Silva

Fernanda Silva

Igor Amarante

Isabelle França

PARA SABER MAIS

[VÍDEO DA ESCOLA MUNICIPAL MINISTRO ANDRÉ CAVALCANTI](#)

4

ESCOLA MUNICIPAL NOVO PINA

Rua Eurico Vitrúvio, s/nº, Pina – Recife/PE.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A ESCOLA

Criada em 26 de março de 1988, a Escola Municipal Novo Pina está localizada na zona sul do Recife, na comunidade do Bode. Historicamente, sua ocupação se deu no século 19, a partir da formação de comunidades ribeirinhas e de população escravizada foragida, configurando-se um quilombo urbano, símbolo de resistência face às explorações decorrentes do regime econômico e social da época.

Até a década de 1980, a comunidade do Bode não possuía uma escola pública, enfrentando diariamente dificuldades de acesso à outra instituição de ensino localizada na comunidade de Brasília Teimosa. Há, inclusive, relatos dos moradores sobre episódios de atropelamento de alunos a caminho dessa escola, devido à precária infraestrutura de trânsito entre os bairros. Neste sentido, os moradores do Bode organizaram-se de modo a mobilizar o poder público a atender a esta demanda da comunidade. Assim, a escola, além de espaço de aprendizagem, simboliza importante conquista no âmbito social e político local.

Atualmente, a escola atende à comunidade através da educação infantil, do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O espaço da instituição também é utilizado para diversas atividades educativo-culturais da comunidade, como oficinas de maracatu, grupos de leitura, prática de atividades esportivas, entre outras.

A EXPERIÊNCIA DO PROJETO NA ESCOLA

Durante o processo inicial de execução do projeto **Memória Social na Escola**, os alunos participaram da oficina *Requalificação de dispositivos móveis*, ministrada pelo fotógrafo Luiz Santos, durante três encontros de três horas cada. Esta foi uma atividade bastante proveitosa para instrumentalizar o desenvolvimento das ações planejadas. Antes do início da oficina, nos encontramos com oicineiro para preparar a atividade e discutir aspectos específicos do projeto junto à escola. Dentre as atividades promovidas nesse espaço, destacamos: dinâmicas de grupo com foco no trabalho coletivo e não competitivo; construção de mapas afetivos da comunidade do Bode e adjacências; e o diálogo sobre conceitos básicos dos universos da fotografia, do vídeo e do desenho.

Assim, o grupo pôde, por exemplo, conhecer um pouco sobre a fotografia a partir das noções de paisagem e de retrato, bem como de aspectos como a iluminação. Também foi possível trabalhar questões relacionadas à timidez no trabalho com a imagem e dialogar sobre a noção de trabalho coletivo. Tivemos ainda a oportunidade de sair pelo bairro para entrevistar moradores e reconhecer, com outros olhos, a

comunidade. No terceiro encontro, foram exibidas as entrevistas feitas pelos alunos. Nesse momento, percebemos que a turma desenvolveu uma aproximação e um vínculo maior com as pessoas daquele lugar. Pudemos notar também mudanças no interesse e na vontade de aprender de alguns alunos que nos primeiros encontros pareciam um tanto entediadas, sem vontade de estar na escola.



Luz, câmera, ação!

Além da participação na oficina, a turma visitou os aparelhos culturais da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): Museu do Homem do Nordeste (Muhne), Cinema do Museu e Engenho Massangana. Essas experiências possibilitaram a algumas crianças desenvolver mais confiança e maior engajamento no projeto. Notamos que foi vital, para o andamento das ações planejadas, a realização de práticas de vivência por todos os responsáveis pelo projeto. Tanto a oficina *Requalificação de dispositivos móveis*, como as visitas aos espaços culturais da Fundaj serviram como instrumentos para que o grupo desenvolvesse as ações esperadas para cumprir os objetivos do projeto.

Na visita ao Muhne, as crianças puderam entrar em contato com mais uma narrativa sobre a história do Nordeste. O mediador a todo momento provocava o grupo a refletir sobre a seguinte questão: “qual memória do homem do Nordeste o museu apresenta”? Já na visita ao Engenho Massangana, foi a vez de o grupo entrar em contato com uma narrativa sobre a história de vida de Joaquim Nabuco. No Cinema do Museu, por fim, em um momento de combinação de aprendizagem e lazer, as crianças assistiram ao filme *História Natural*, com a presença do diretor Júlio Cavani, e a mais dois curtas-metragens. Após a sessão, o grupo teve a oportunidade de conversar com o cineasta e fazer perguntas.

No mês de junho, devido às festividades do período e a alguns contratemplos (como a greve do transporte coletivo), foi necessário reagendar algumas das atividades. Ainda assim, o cronograma planejado pela equipe se manteve e foi possível realizar mais momentos de vivências no âmbito escolar, preparando as crianças para as entrevistas. Assim, foram realizadas discussões sobre a importância de se preservar a memória, como preservá-la – através de documentação, acervo de fotos, vídeos, áudios etc. – e quais as melhores formas de socializar tais memórias.



Visita ao Museu do Homem do Nordeste.

Após esse período, retomamos as ações na escola, após o período de recesso escolar, já sabendo do término do calendário definido para a finalização das atividades do projeto. O segundo semestre seria sem dúvida mais corrido, por isso a equipe técnica do Muhne preocupou-se em acompanhar mais de perto o projeto, tentando visitar sempre que possível a escola e a comunidade. Conhecer a comunidade foi um fator preponderante. Depois que nos familiarizamos com o bairro, que conhecemos sua história e suas demandas, e que verificamos as semelhanças com tantos outros bairros periféricos do Recife, conseguimos estabelecer um diálogo mais qualificado com a comunidade escolar e, por fim, desenvolver um projeto mais próximo aos processos identitários da comunidade.



Roda de saberes.

Não podemos pensar a escola como um ambiente fechado, distante do seu bairro e das pessoas que a frequentam, sejam estudantes, pais, professores ou funcionários. Ao contrário, cabe a ela estabelecer o diálogo entre todos esses agentes. Pensando nisso, a equipe técnica do Muhne realizou caminhadas pelo bairro, ouviu alguns alunos, pais de alunos e funcionários, e desenvolveu laços que seguramente perdurarão para além do projeto.

Dois momentos dessas caminhadas merecem destaque. No primeiro semestre de 2015, nos deparamos com a Associação de Moradores do Bode, localizada próximo à Escola Municipal Novo Pina, totalmente subutilizada, servindo como depósito de lixo e ponto de tráfico de drogas. Já durante o segundo semestre, nos surpreendemos ao perceber que alguns moradores ocuparam por conta própria o local, realizando mutirões e transformando o que era um depósito insalubre em lugar de troca e aprendizagem, através de atividades culturais que proporcionam (re)estruturação de laços.

Nessas caminhadas também pudemos conhecer a Livroteca Brincante do Pina, que estava em fase de reestruturação. Seu objetivo é ampliar o acesso dos moradores do Bode à leitura. Quando visitamos o espaço, algumas lideranças comunitárias nos receberam de forma bastante atenciosa e nos contaram um pouco da história do lugar e suas demandas.

Após essa visita, como forma de estimular a ocupação do bairro de maneira mais proveitosa, convidamos os alunos para um passeio à livroteca após a aula. Acreditamos que seria muito positivo que, mesmo ao fim do projeto Memória Social na Escola, a Escola Municipal Novo Pina e a Livroteca Brincante estreitassem ainda mais suas relações. Esperamos que mais iniciativas como essa sejam desenvolvidas na comunidade, a partir da mobilização dos próprios moradores. É importante destacar que um dos líderes comunitários que trabalha na livroteca, conhecido como Kcal (Cacau)¹⁵, foi bastante atencioso com a nossa equipe e ainda sugeriu nomes de pessoas interessantes que guardam a memória do bairro para possíveis entrevistas. A professora Valkíria Guimarães (colaboradora do projeto), junto a seus alunos, também indicou pessoas da comunidade do Bode que poderiam colaborar com o processo de conhecimento das ações socioculturais e narrativas história da localidade.

Como produto final do projeto, foi sugerido pela consultoria do projeto a elaboração de um calendário, no qual constarão textos e desenhos dos alunos, como forma de sistematizar as informações coletadas sobre a memória da comunidade do Bode e sua relação com a Escola Municipal Novo Pina. A consultora sugeriu ainda que, para produzir tal calendário, requisitássemos apoio de instituições privadas instaladas no entorno da comunidade. Esta etapa, tanto de elaboração do calendário, quanto de consolidação de uma possível parceira, ainda está em andamento. Assim, destacamos que o projeto, apesar de ser executado por uma articulação entre o museu e a escola, pode ter outros parceiros para o desenvolvimento de suas

ações, incorporando grupos interessados em apoiar um projeto de memória como o apresentado neste relato.

Também se encontra ainda em andamento o processo de seleção das pessoas que serão entrevistadas para a construção da história oral da comunidade, atividade prevista no projeto da escola e que extrapolou o prazo estimado para sua finalização, o que reforça o caráter dinâmico do projeto. Em nosso caso, as contingências que levaram a esse atraso no cronograma previsto foram várias: as dinâmicas particulares do ambiente escolar, a saúde da professora colaboradora, outras demandas da equipe do Muhne etc. Dessa forma, será criado um calendário específico para a conclusão dessa importante etapa do projeto e, caso haja necessidade, construiremos, em diálogo com a escola, novos caminhos. Imprevistos no decorrer da execução do projeto sempre podem ocorrer, porém, não devem ser encarados como empecilhos, mas como mais uma etapa de construção, aprendizagem e reorientação das ações até então executadas.

Apesar das falhas que apontamos, acreditamos que todo projeto está sujeito a erros e imprevistos, sobretudo quando está em fase piloto, como é o caso. Ainda assim, é importante ressaltar que o contato com as crianças é sempre produtivo e que estimulá-las a participar ativamente do projeto é imprescindível para alcançarmos os resultados desejados. Apesar das dificuldades, vemos um futuro produtivo nas próximas etapas desta ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta o caminho que foi trilhado até agora, gostaríamos de destacar alguns pontos do desenvolvimento do projeto Memória Social na Escola que merecem atenção especial no que se refere à Escola Municipal Novo Pina. Alguns momentos e vivências nos surpreenderam, muitas vezes alterando nossas posições e ideias iniciais. Acreditamos que, acima de tudo, devemos tomar essa experiência como lições para o futuro.

Algumas dificuldades se fizeram presentes. A primeira, talvez previsível, foi o fator deslocamento, mostrando que é necessário levar em consideração o trânsito de uma grande cidade como o Recife. Um atraso pode significar um dia inteiro perdido, uma atividade adiada. E o efeito é da bola de neve. Assim, respeitar horários é extremamente importante e por isso sempre devemos levar em consideração os imprevistos do trânsito. Contingências não esperadas também surgiram, mas conseguimos contorná-las com o apoio da escola.

Um projeto da magnitude do Memória Social na Escola exige atenção e dedicação dos envolvidos. Infelizmente, faltamos com o projeto quando o colocamos em meio a outras importantes atividades do

Muhne. Em nosso caso, particularmente, a situação melhorou quando novos estagiários ingressaram na equipe técnica. Foi notória, por exemplo, a maior facilidade para trabalhar com as crianças quando Kayamar Panzarini passou a integrar a equipe, permitindo a divisão de funções com outros integrantes. É importante salientar, no entanto, que apenas na etapa final do projeto novos participantes ingressaram na equipe. Portanto, na maior parte do tempo, a equipe do projeto contou apenas com três pessoas: Adriana Aguiar, Cássio Lyra e Eduardo Castro. Por se tratar de uma experiência inicial, em caráter piloto, podemos olhar para trás e, em uma (re)avaliação da metodologia de trabalho, verificar a necessidade de dispor de equipe específica à execução deste projeto.

Durante as atividades do projeto, algumas vezes a professora apoiadora nos deixava muito à vontade com as crianças, o que nos dava autonomia para escolher a forma de trabalhar. Entretanto, a figura do/a professor/a é imprescindível para estimular o grupo e promover o vínculo/reconhecimento entre a equipe do museu e os alunos. No entanto, sentimos que faltou atenção ao importante diálogo pedagógico entre a equipe de profissionais da escola e a equipe de educadores do Muhne/Fundaj. Para a construção desse projeto, é necessário interlocução e harmonia entre a equipe técnica externa à escola, a equipe técnica da escola e os alunos envolvidos. A ausência de diálogo causa desencontros de ideias e práticas. Por outro lado, acreditamos que o projeto Memória Social na Escola é uma construção coletiva que pode ser aperfeiçoada ao longo do seu processo.

Na nossa visão, este projeto não pode ser identificado com a chamada *educação bancária* – no dizer de Paulo Freire –, o que significa que o projeto não pode ser entendido como algo que vale nota, e que o professor não pode usar a conhecida prática pedagógica de “ameaçar” os alunos que não queiram participar das atividades, tirando pontos, ou de conferir “mérito” aos alunos participantes, elevando suas notas, por exemplo. Nossa equipe não acredita na eficácia dessa prática – mesmo buscando entender a realidade do professor. Pelo contrário, não é tirando ou distribuindo pontos que vamos alcançar o objetivo do projeto, que é estabelecer um processo de construção social da memória da comunidade do Bode.

Compreendemos o projeto Memória Social na Escola como um caminho metodológico diferenciado para discutir diversos aspectos inscritos ou não no currículo escolar. A interdisciplinaridade dos conteúdos está presente nas várias ações realizadas. Além disso, é necessário dar destaque à subjetividade de cada aluno, respeitando suas particularidades, a fim de potencializar os processos de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. No entanto, tivemos dificuldade em desenvolver as questões propostas pelo projeto, tendo em vista que a educação formal oferecida às crianças – não só no Recife, mas em grande parte do Brasil – muitas vezes é baseada em uma relação professor-aluno construída a partir de pilares

autoritários, e que o conhecimento não é debatido, mas imposto, como se pudesse ser introjetado.



Afetividade.

Assim, percebemos que durante o projeto não conseguimos estimular todas as crianças envolvidas a participar ativamente das atividades. Reconhecemos que nossas limitações são grandes, seja pelo pouco tempo de convivência com os alunos, seja inclusive pela necessidade de novos conhecimentos de práticas pedagógicas. Porém, identificamos que, ao longo do tempo, alunos tidos como “problemáticos” se engajaram no projeto e ganharam confiança em si mesmos. Percebemos também que algumas crianças com baixa autoestima, entediadas com a escola, e que consideram a hora do recreio como a melhor hora do dia (talvez por estarem aprendendo fora da sala de aula), se empolgaram com as atividades sobre fotografia, desenho, narrativa, mapas, e tantas outras que exploraram a criatividade.

Consideramos, portanto, que as atividades propostas pelo projeto possuem um poder transformador muito expressivo para as crianças. Levar para dentro da escola, através de desenhos e fotografias, os locais significativos para a comunidade, os espaços formadores de identidades (a igreja, o maracatu, o centro espírita), e os lugares que compõem a paisagem (a praia, as pontes, as avenidas), aproximou ainda mais os alunos da própria comunidade, pois os ajudou a desenvolver noções de identidade e afeto, fazendo que passassem a valorizar e preservar ainda mais esses espaços.

FICHA TÉCNICA

ESCOLA MUNICIPAL NOVO PINA

EQUIPE DA ESCOLA

Turma do 5º ano do Ensino Fundamental

Aldeny José Batista do Nascimento

Alyson Hugo de Oliveira

Bruna Larissa Reis Gomes

Carla Vitória Batista da Silva

Carlos Jonathan dos Santos
Clara Shirlene Maria da Silva
Edvaldo Ryan Nunes Viana
Jhanci Guilherme Miranda de Barros
José Roberto Nascimento da Silva
Letícia Lopes Dias
Mailson Antônio da Silva
Maria Eduarda Tavares da Silva
Marília Oliveira Avelino
Rayssa Honorato da Silva
Ruan Thalyson Bezerra de Menezes
Silas Lopes Dias

PROFESSORAS

Valkíria Guimarães: professora polivalente
Nadege Bezerra L. Lopes: assistente pedagógica
Sandra Alves Cruz: coordenadora pedagógica
Walesca Basto: gestora

EQUIPE DO MUHNE

Adriana Aguiar
Cássio Henrique Lyra
Eduardo Castro
Kayamar Panzarini

PARA SABER MAIS

[VÍDEO DA ESCOLA MUNICIPAL NOVO PINA](#)

5

ESCOLA MUNICIPAL OCTÁVIO DE MEIRA LINS

rua José Rebouças, 141, Vasco da Gama – Recife/PE.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A ESCOLA

Geograficamente, o Recife é formado por regiões de baixa planície, banhadas por rios e cercadas por áreas de morro. As regiões ribeirinhas e o manguezal foram ocupados de forma desordenada nas primeiras décadas do século 20, como efeito do êxodo rural ocasionado por questões econômicas e sociais. A Escola Municipal Octávio de Meira Lins está localizada no Alto Nossa Senhora de Fátima, no bairro Vasco da Gama. Anteriormente, esse morro era denominado Alto da Foice, em referência ao desmatamento promovido para que fosse possível ocupá-lo. Com o passar dos anos, o nome passou a fazer referência à violência presente no local. Foi o padre Severino que conseguiu modificá-lo para Alto Nossa Senhora de Fátima, a fim de tentar apagar a simbologia negativa do antigo nome.

A EXPERIÊNCIA DO PROJETO NA ESCOLA

Quando o projeto **Memória Social na Escola** foi apresentado à escola, imediatamente ocorreu a ideia de mapear a origem dos moradores do Alto. Após a etapa de formação das professoras que se envolveriam com o projeto, iniciamos as atividades com os alunos/as do 7º ano do ensino fundamental em três etapas: 1) Visitas monitoradas aos espaços da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj); 2) Oficina *Requalificação de dispositivos móveis*; e 3) Orientação das atividades específicas para desenvolver o projeto na escola.

Inicialmente, o cronograma foi cumprido como planejado. Foram desenvolvidas as seguintes atividades: 1) Apresentação do projeto; 2) Exibição e leitura do calendário produzido pelo projeto em Cubatão, a fim de motivar a equipe; 3) Conversa sobre a ocupação dos morros do Recife, a história do nome Alto da Foice e a importância de anular os preconceitos e estimular a sensibilidade para conhecer e valorizar sua história; 4) Orientação para construção da árvore genealógica; 5) Orientação e roteiro para realização de entrevistas com moradores da comunidade.

A construção da árvore genealógica aproximou os/as alunos/as de suas histórias familiares. Muitos não sabiam, por exemplo, o nome oficial dos avós, às vezes nem mesmo o dos pais. No início, alguns contestavam com afirmações do tipo “eles já moram no cemitério!”. Outros não eram reconhecidos pelo pai, e houve casos também de alguns que não falavam com os avós por questões familiares. Surgiu, assim, a ideia de que cada um consultasse o seu registro de nascimento e pesquisasse essas informações. Esta ação foi bastante significativa, pois estimulou o diálogo com a família e a valorização da identidade, e também mostrou a importância do registro de nascimento como primeiro documento de pertença cidadã.

As entrevistas com moradores da comunidade foram realizadas parcialmente, pois nem todos os alunos conseguiram executar essa atividade. As que foram realizadas, porém, tiveram um bom resultado e atenderam às expectativas. A partir dessas conversas, já podemos mapear algumas das cidades natais dos

moradores do Alto: Pedra de Fogo, Guarabira, Bezerros, Macaparana, Lagoa de Itaenga, Itambé, entre outras. Percebemos que essa atividade contribuiu para aproximar o passado e o presente, o/a jovem e o/a idoso/a, o/a neto/a e o/a avô/ó... Essa ação é de extrema importância, uma vez que ajuda os/as alunos/as a pensar na sua própria história e fortalece vínculos familiares enfraquecidos.

A oficina *Requalificação de dispositivos móveis* foi muito proveitosa, porque proporcionou ao grupo experimentar práticas muitas vezes esquecidas e desconhecidas da atual geração, como a escuta e a percepção visual do entorno. Hoje, a maioria dos/as adolescentes vive conectada em redes sociais e jogos virtuais. A maioria não vivencia os momentos de modo aprofundado e não aprecia as coisas simples e belas, como o canto dos pássaros ou uma conversa com os avós... ou simplesmente parar e sentir as coisas do mundo. É importante elencar também aspectos trabalhados na oficina com relação ao conteúdo de artes visuais: percepção visual e auditiva; desenho do mapa da comunidade; técnicas da fotografia; aula de campo para fotografar a comunidade com olhar de turista; e leitura das imagens fotográficas. Além disso, os alunos construíram uma instalação feita com árvores genealógicas gigantes, nas quais também constavam o lugar onde as pessoas nasceram e as características desses lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o objetivo inicial do projeto foi atingido parcialmente, pois, apesar de alguns alunos/as não terem entregado o material solicitado, conseguimos realizar muitas atividades. A semente foi lançada e a reflexão sobre a memória foi estimulada... nosso trabalho permitiu que o grupo começasse a mapear os municípios de origem das pessoas que moram no Alto, atrelando informações sobre as características culturais de tais localidades. Enfim, o diálogo está aberto com a escola e a comunidade, valorizando o resgate da história. Pretendemos agora prosseguir com o projeto sob uma ótica científica, coletando e catalogando os dados.

Nas próximas páginas, apresentamos um relato fotográfico de algumas das atividades realizadas. Parte das fotos são registros feitos pelos/as alunos/as.

OFICINA REQUALIFICAÇÃO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS: AULA DE CAMPO



TÍTULO: *Comércio e grades*
ALUNAS: Adriele, Adelice e Sara



TÍTULO: *Estampa natural*
ALUNAS: Adriele, Adelice e Sara



TÍTULO: *Panorâmica*
ALUNAS: Ana Beatriz, Cinthia e Kevia



TÍTULO: *De onde veio esta planta?*

ALUNAS: Cinthia, Ana Beatriz e Kevia



TÍTULO: *A verticalização vista do morro*

ALUNOS (A): Maria Eduarda, Rian, Douglas e Leonardo



TÍTULO: *Cano cheio: Sinal de vida no morro*

ALUNOS (A): Maria Eduarda, Rian, Douglas e Leonardo



TÍTULO: *Morros*
ALUNAS: Adelice, Adriele e Sara



TÍTULO: *Crepúsculo*
ALUNAS: Adelice, Adriele e Sara



TÍTULO: *Telhado*
ALUNAS: Cinthia, Ana Beatriz e Kevia



TÍTULO: *D. Lourdes, a entrevistada*

ALUNAS: Cinthia, Ana Beatriz e Kevia



TÍTULO: *Ocupação*

ALUNOS(A): Rian, Leonardo, Douglas e Maria Eduarda



TÍTULO: *Grades*

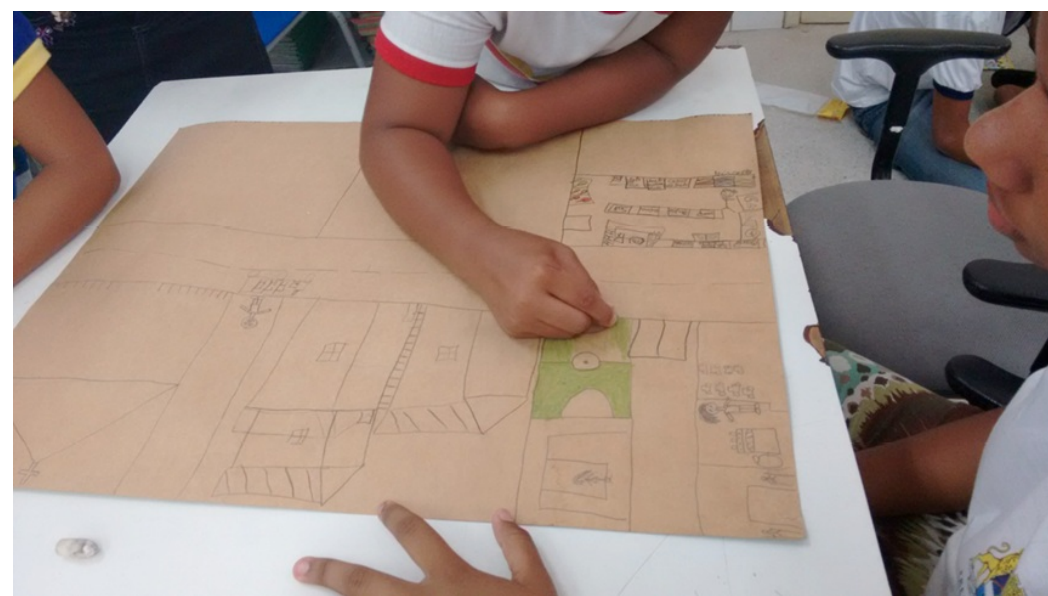
ALUNOS (A): Rian, Douglas, Leonardo e Maria Eduarda



TÍTULO: *Sobe e desce*

ALUNOS(A): Rian, Leonardo, Douglas e Maria Eduarda

OFICINA REQUALIFICAÇÃO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS: DESENHO DO MAPA AFETIVO DA COMUNIDADE



VISITAS AOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS DA FUNDAJ

Fotos: Fundação Joaquim Nabuco

Engenho Massangana



Museu do Homem do Nordeste (Muhne)

Fotos feitas pelos alunos





Fotos feitas pelos alunos





Cada galho da árvore representa a genealogia da família dos alunos



Na pitangueira, foram pendurados papéis com os nomes dos municípios de origem das famílias dos alunos e desenhos correspondentes às



Alunos/as da Escola Municipal Octávio de Meira Lins com a professora Elisabeth Vasconcelos, em aula de campo do projeto Memória Social na Escola, durante a oficina *Requalificação de dispositivos móveis*, ministrada pelo fotógrafo Luiz Santos

ANEXO

Depoimentos dos/as alunos/os sobre os espaços da Fundaj e a oficina *Requalificação de dispositivos móveis*

“O filme foi muito bom. O ambiente e as pessoas que nos atenderam também. E é só. Fim, até mais.”

DAVID HENRIQUE

“A oficina de dispositivos móveis foi o que mais gostei. Pelo simples fato de que aprendi um pouco como tirar fotos, ter um pouco de técnica. Gostei do professor. Foi muito bom!” **ADELICE SOARES**

“Da oficina de dispositivos móveis eu gostei muito, me ensinou a ver as coisas e o mundo de uma forma mais bonita! Comecei a enxergar além das imperfeições.” **ADRIELE MARIA**

SOBRE O CINEMA DO MUSEU: “A inauguração do cinema, isso foi uma honra. Bem organizado, formato bonito e tela boa. Os atores não são famosos, mas são ótimos.” **EMMANUEL DA SILVA**

SOBRE O MUHNE: “É muito bom, você aprende coisas que nem sabia que havia nesse tempo e que foram fundamentais nas nossas vidas.” **KELVEN SOARES**

SOBRE O ENGENHO MASSANGANA: “Achei superlegal saber onde os escravos viviam, como era tudo lá e como eles viviam.” **SARA SABRINA**

SOBRE O ENGENHO MASSANGANA: “Eu gostei bastante de ter visitado o engenho porque lá a gente vê

bastante coisas explicando como era antigamente, como os escravos trabalhavam. Gostaria de ir novamente.” CINTHIA BARBOSA DA SILVA

FICHA TÉCNICA

ESCOLA MUNICIPAL OCTAVIO DE MEIRA LINS

EQUIPE DA ESCOLA

TURMA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

- Adelice Soares dos Santos
- Adriele Maria da Silva
- Ana Beatriz Silva dos Santos
- Carlos Daniel da Silva
- Cinthia Barbosa da Silva
- Douglas Duarte da Silva
- Esther da Silva Farias
- Guilherme Ferreira
- Juliana Gomes Silvestre
- João Vitor Santana da Silva
- Leonardo Pereira do Nascimento Filho
- Maria Eduarda Santos de Santana
- Rian Silva dos Santos
- Sara Sabrina da Silva

PROFESSORA

Elisabeth Vasconcelos: professora de Artes

EQUIPE DO MUHNE

- Silvia Barreto
- Estela Farias

PARA SABER MAIS

[VÍDEO DA ESCOLA MUNICIPAL OCTÁVIO DE MEIRA LINS](#)

¹⁵ Fundador do espaço, após ter achado no lixo um livro de Machado de Assis.

PARTE IV | CADERNO DE PROPOSITURAS

Neste *Caderno de proposituras*, o professor irá encontrar uma série de atividades que poderão ser desenvolvidas ao longo do ano letivo, no âmbito do **Memória Social na Escola**. Trata-se aqui de um “menu criativo” de atividades às quais o professor pode recorrer a qualquer tempo e lugar, ao longo do desenvolvimento do projeto. Portanto, não existe uma ordem sequencial recomendada.

As alternativas didático-pedagógicas foram pautadas aqui a partir da necessidade de se propor ações educativas que enriqueçam o currículo, entendendo os alunos como sujeitos da história, pertencentes a grupos culturais em constante movimentação, que interpretam e atribuem significados às suas vivências e à do outro. O direito ao conhecimento da história local como ferramenta de empoderamento, impulsionada pela curiosidade crítica, com foco na emergência de vozes um tanto quanto silenciadas, é um dos propósitos do Memória Social na Escola.

Este *Caderno de proposituras* traz um leque de atividades que podem ser desenvolvidas pelo professor. Essas ações têm como foco dar vez e voz aos alunos e à comunidade, através de narrativas acerca de suas compreensões sobre o mundo, tendo, assim, a possibilidade de construir outras narrativas, plurais e contra-hegemônicas.

CÁPSULA DO TEMPO

Construir uma cápsula do tempo para que os alunos, ao final do projeto, relembrem as expectativas dos primeiros dias em relação ao que seria desenvolvido em sala de aula. A cápsula do tempo pode conter: jornais da semana em que foi feita a atividade, fotos da turma e um texto coletivo sobre a expectativa do grupo sobre o conteúdo do projeto. Não é necessário enterrar a cápsula do tempo, mas combine com os alunos que ela vai ficar guardada até o dia da finalização do projeto, quando, então, será aberta para que a turma recorde o primeiro dia do trabalho e relembre toda a trajetória daquilo que desenvolveram.

MURAL DE AVISOS

Com tantas e diferentes atividades que os alunos participam ao longo do seu cotidiano escolar, sugerimos a elaboração de um mural de avisos sobre o andamento do projeto. Vale colocar as atividades que serão desenvolvidas, com data prevista, atividades realizadas, conteúdos trabalhados, recados e lembretes para os alunos. Uma gama de dados onde o passante – outro aluno, os funcionários da escola, outros professores – pode tomar ciência do que está acontecendo no projeto e identificar-se potencialmente como cooperante.

Para esta atividade, pode-se utilizar etiquetas coloridas, *post-its*, fotos impressas, mapas do bairro ou da cidade e até mesmo figurinos e objetos antigos.

POSTO DE COLETA SELETIVA

Espaço destinado ao recolhimento de materiais correlacionados ao projeto da escola. Aqui, poderão ser depositadas fotografias, desenhos, arquivos de áudio e vídeo, e objetos. O professor, enquanto mediador da atividade, pode providenciar uma ficha de identificação do material que vai ser catalogado para doação ou empréstimo.

MAPA AFETIVO

A elaboração de mapas a partir dos conhecimentos prévios que os alunos têm do bairro onde vivem ou onde a escola está instalada tangencia as diferentes geografias nas quais os estudantes estão inseridos. Esta atividade é excelente para ser trabalhada em grupo e o professor, no papel de mediador, pode chamar atenção para alguns aspectos, como: em vez da polarização entre “lugar bom” e “lugar ruim”, “lugar bonito” e “lugar feio”, a contextualização do que ocorre nos espaços do bairro e como são construídos sentidos associados a estes lugares.

Como a atividade deve ser executada em grupo, sugerimos que os alunos recebam um folha grande de papel, lápis e canetas coloridos. Um dos desafios é preencher todo o espaço da folha, colocando o máximo de detalhes, sejam eles as placas de identificação dos estabelecimentos, as portas e janelas, as cores das construções e, se possível, as pessoas que são referências no bairro, como, por exemplo, Seu Chiquinho da venda e os taxistas da praça em frente à igrejinha que sempre ficam conversando.

VISITA A ESPAÇOS MUSEAIS

Uma visita a espaços museais pode contribuir para o levantamento de questões, como a construção de uma narrativa, a representatividade dos objetos, o papel dos museus e centros de memória, o trabalho de conservação do acervo e a concepção e montagem de uma exposição. É interessante aproveitar a ida a

um desses locais propícios à reflexão e, após a visita, fazer uma roda de histórias. Sentados em círculo, escolha um tema e solicite que cada participante conte uma história que vivenciou sobre aquele assunto. Crianças pequenas gostam de falar sobre brincadeiras e aventuras. Já os maiores podem falar a história de seu nome, por exemplo. É importante ressaltar que a história deve ter começo, meio e fim, estimulando os participantes a elaborarem e verbalizarem uma ideia. A atividade da roda de histórias também pode ser realizada na própria escola, configurando o “recreio da memória” em um espaço diferente da sala de aula.

LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS

Após apresentar o projeto, o professor pode discorrer sobre o tema escolhido e elencar, na lousa, os conhecimentos prévios dos alunos, ou seja, pergunte o que eles já sabem sobre o assunto. Paralelamente, pode-se também elencar coisas que eles gostariam de descobrir, como, por exemplo, o porquê do nome do bairro, quem foram os moradores mais antigos, de onde vieram, onde ficam as casas e os comércios mais antigos, quais as lendas urbanas ou os causos, e daí em diante.

O professor pode fazer uma pesquisa nos meios digitais, localizando trabalhos, textos e fotografias que estejam disponíveis sobre o assunto principal do projeto. Os alunos também podem fazer outras leituras sobre seu bairro e sua história, desde que estes textos estejam adequados para a sua idade e o seu nível escolar. Muitos dos bairros e das pequenas cidades têm sempre uma pessoa que é apaixonada pelo local onde vive e que escreve suas histórias. Muitas vezes saudosistas, o trabalho destes memorialistas carece de metodologia de pesquisa, mas é importantíssimo para a compreensão da trajetória destes lugares.

LEITURA DE LIVRO QUE TRATE DA MEMÓRIA

A leitura de um livro para crianças ou adolescentes que trate do tema memória pode ser uma boa atividade para os primeiros tempos do projeto. Após a leitura, o professor pode fazer uma conversa mediatizada com as questões: “O que é memória?”; “Para que serve?”; “Onde ela fica?”; ou “Vocês conhecem alguma pessoa que tem problemas de memória?”. Para além das respostas dos alunos, o professor pode fazer uma aproximação com o trabalho que vai ser realizado, que é a gravação de narrativas na qual os fatos vivenciados são lembrados por meio da memória do narrador.

Sugestões de leitura: *Guilherme Augusto Araújo Fernandes; O jarro da memória; Bisa Bia, Bisa Bel*. Os alunos das classes finais podem assistir ao filme *Narradores de Javé*, da cineasta Eliana Caffé, enquanto os menores podem se encantar com o longa-metragem *Divertidamente*.

AUTORRETRATO

Uma série de perguntas podem introduzir reflexões sobre o seu próprio corpo e rosto: “Como eu sou?”; “Quais as minhas características mais marcantes?”; “O que mais gosto em mim?”; “O que não gosto?”. A partir da observação dos seus principais traços em um espelho, a criança pode fazer o seu autorretrato. Para os mais adolescentes, é possível fazer este tipo de registro com a câmera do celular. Pode-se também mostrar autorretratos de pintores conhecidos, como Van Gogh e Frida Kahlo, por exemplo.

Após o desenho, faz-se a apreciação do trabalho: em sala, o professor mostra para a turma os trabalhos e, em conjunto, todos fazem comentários sobre o uso de cores, os traços, a ocupação do papel, a presença ou não de contorno, o preenchimento do desenho etc.

Se puder, assista com os alunos ao videoclipe *Autorretrato*, do Quintal da Cultura – Quintal Musical (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HboOL-3B_y0).

SOBRE O NOME E AS ORIGENS

Solicitar ao aluno uma pesquisa sobre a origem da sua família e/ou do seu nome, perguntando a parentes ou pessoas com que ele convive de onde vêm, o que os avós faziam e como eles chegaram ao bairro é de suma importância para que compreenda o quanto a sua própria história está inserida em um contexto mais amplo. Para esta atividade, o professor pode elaborar, junto aos alunos, um roteiro de pesquisa sobre a história do nome.

Esta atividade é excelente, porém deve-se tomar cuidado, pois muitas crianças não conhecem direito a sua própria origem. Neste caso, o roteiro pode incluir perguntas para levantar se o nome homenageia alguém importante, algum santo, alguém da família, quem ele conhece que tem o mesmo nome ou qual o significado do nome.

Para dar a ideia da importância do nome, pode-se assistir com os alunos ao videoclipe *Eu*, do grupo musical Palavra Cantada (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_VAJ2QI1fbU).

CARTA-CONVITE

Uma ou duas semanas antes da entrevista, faça com seus alunos um bilhete ou uma carta-convite para o futuro entrevistado, convidando-o a ir até a escola para ser entrevistado. É um tipo de texto em que alguns itens são importantes, como identificar a sala e a escola que está convidando a participá-lo do projeto, deixar claro o dia e a hora da entrevista, além do assunto principal de que tratará a entrevista. Pode-se pedir que o entrevistado traga fotos e/ou documentos antigos para mostrar aos alunos.

Chame a atenção dos alunos para a importância dos diferentes tipos de conteúdo (texto, imagem, áudio,

vídeo) que estão produzindo: a gravação das entrevistas, os textos coletivos, legendas, cartas, e-mails etc. Cada um deles tem uma aplicação prática na vida cotidiana: enviar uma carta, enviar um email, produzir um texto para o trabalho, uma fotografia, um desenho etc. Este aprendizado não é só para o projeto, é para a vida.

DESENHO COM INTERFERÊNCIA

No centro ou no meio de uma folha tamanho A4, pode-se inserir uma imagem (cópia xerocada, impressa ou recortada de uma revista), para que o aluno complemente o desenho de acordo com a sua imaginação e criatividade.

Escolha cuidadosamente a interferência, optando por imagens de boa qualidade, nítidas e que possam ser recortadas. O uso de um grupo de cinco imagens diferentes na turma é interessante, de modo que todos possam depois observar as diferentes soluções encontradas pelos colegas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

O professor pode elaborar o roteiro de entrevista junto aos seus alunos, a partir da distribuição de tarjetas (folha sulfite recortada ao meio) para a sala. Nelas, os participantes escrevem uma pergunta que gostariam de fazer para o entrevistado. O professor pode fazer esta atividade dividindo-a por blocos temáticos: identificação, origem, infância, estudos, convivência com a família, participação em lutas sociais e mudanças ocorridas no bairro, por exemplo.

Lembre-se de que até mesmo uma pergunta que, a princípio, não tem muita relação com o foco do projeto ou a história de vida do entrevistado pode ser reelaborada, de modo a ser aproveitada para o roteiro. É importante que o aluno reflita sobre o que ele pode perguntar para o entrevistado com relação ao tema do projeto. O professor pode dialogar com o aluno, fazendo-o refletir sobre a melhor maneira de se fazer essa pergunta.

Um erro muito comum, que todos cometemos, é fazer perguntas que geram respostas do tipo sim/não. Além de esgotar rapidamente o assunto e, portanto, a entrevista, estas respostas não esclarecem nada sobre o passado e nem contribuem para o entendimento das transformações ocorridas ao longo dos tempos. Por isso, procure utilizar verbos que solicitem a descrição e o detalhamento dos fatos narrados. No momento da entrevista, o professor, ao perceber que o entrevistado pode falar um pouco mais sobre determinado assunto, pode interferir com um simpático “O senhor ou a senhora pode falar um pouco mais sobre isto?”.

ENTREVISTA

A entrevista é um dos pontos altos do projeto e deve ser uma atividade pensada e planejada com todo carinho. Antes do dia marcado para que ela aconteça, divida as tarefas por frentes de trabalho. Um grupo pode se responsabilizar por receber o entrevistado na porta da escola e encaminhá-lo para a sala de aula ou a biblioteca; outro grupo pode ser o responsável por fazer as perguntas; outro, pela gravação em áudio e vídeo; outro, por desenhar a própria cena da entrevista; e, por fim, outro grupo pode ser responsável por agradecer o entrevistado pela participação e levá-lo para fora da sala de aula.

O professor será o mediador de todo o processo, mas é preciso ressaltar que, neste tipo de trabalho, não existe certo e nem errado, existe uma situação de aprendizagem em função de uma questão real: fazer uma entrevista.

LEVANTAMENTO DE ASSUNTOS ABORDADOS NA ENTREVISTA

O professor, aqui atuando como um escriba, elenca, junto aos alunos, os principais assuntos tratados na entrevista. Também neste momento podem ser levantados outros dados sobre a entrevista: a descrição física do entrevistado, as emoções, a satisfação de ser convidado para participar do projeto, se ele deu conselhos ou não para os alunos, entre outros. Este levantamento deve ser disponibilizado para todos em sala de aula, pois dará origem ao texto final da entrevista, que pode ser individual ou coletivo, como veremos adiante.

DESENHO DE UMA CENA DA ENTREVISTA

A produção de desenhos é uma estratégia diferenciada para processar e até mesmo registrar as histórias ouvidas, especialmente quando o projeto envolve crianças ou jovens. Sejam ilustrações, caricaturas, quadrinhos, os desenhos podem vir acompanhados, ou não, da produção de legendas.

Tanto os desenhos quanto as produções fotográficas realizadas pelos alunos são parte da construção de conteúdo que poderão ser socializados para os outros integrantes da escola e também para o público externo. Essas produções visam à circulação do conhecimento adquirido, dão visibilidade ao projeto, além de um senso de pertencimento na construção deste conhecimento (co-autoria).

O ponto de partida pode ser listar, com a própria turma, os destaques da entrevista. Será uma lista aberta. De acordo com a imaginação de cada criança, o que o entrevistado disse pode gerar inúmeros desenhos. Detalhes do que ele contou podem passar despercebidos para o professor, mas serem instigantes para os alunos.

Observações:

- a) a idade das crianças e a sua forma de perceber e expressar o mundo devem ser consideradas e respeitadas na feitura dos desenhos;
- b) é importante que cada um possa retratar o seu ponto de vista do mesmo episódio. Quanto mais variadas as versões, maior a riqueza de imagens produzidas;
- c) estimular a diversidade de episódios. Vale comentar com os alunos que estes desenhos devem dar um panorama de tudo o que foi falado e, se todos desenharem a mesma passagem, não teremos uma história completa;
- d) cada desenho produzido é um novo registro sobre a história e deve ser entendido como parte do acervo produzido no projeto. Merece ser minimamente identificado, incluindo o nome do autor e sua data de nascimento, bem como a data e o local da produção do desenho;
- e) a produção de legendas pode ajudar para que, futuramente, outras pessoas possam se apropriar melhor do conteúdo do desenho.

CAMINHADA FOTOGRÁFICA

Uma caminhada fotográfica pelas imediações onde a escola está inserida, com o professor responsável pelo projeto Memória Social na Escola, pode ser uma boa opção para ampliar o horizonte e a percepção do local onde os alunos moram, sobretudo se ele acompanhá-los e chamá-los a atenção para pontos que são importantes dentro do bairro. Fotografar ruas, casas de comércio e outros pontos públicos que fazem parte da paisagem urbana amplia a compreensão do espaço geográfico onde estão inseridos, bem como as dinâmicas sociais. Também vale conversar e gravar “entrevistas pockets” com as pessoas que encontrarem ao longo da caminhada. O resultado desta expedição de descobertas pode ser comparado com imagens antigas dos locais.

LIVRO ARTESANAL

Pesquisar e descobrir quais são os principais elementos de um livro – capa, índice, tipologia da fonte (a letra utilizada), o tamanho da fonte, desenhos, fotos, uso das cores etc. Para a execução de um livro artesanal, pode-se utilizar papel de diferentes cores e gramaturas, fotos antigas e novas (feitas pelos alunos) impressas, legendas para essas fotos e textos elaborados ao longo do projeto. Também é uma ótima atividade para ser desenvolvida em grupo, onde cada equipe poderá ser responsável por um capítulo do livro.

Ao final, o professor faz a “juntada” dos capítulos, pedindo para que os alunos ainda elaborem capa e contracapa, índice, apresentação e ficha de créditos com os nomes dos participantes, agradecimentos etc.

TEXTO COLETIVO

Quando as crianças estão no início do processo de alfabetização, é importante buscar uma alternativa para a produção dos textos. Na escola, o trabalho com o texto coletivo pode ser mais uma excelente oportunidade para que o professor atue como mediador do processo de construção do conhecimento, a partir de uma experiência vivida, valorizando o narrador e a sua história de vida. Aqui, mais uma vez os conteúdos de linguagem oral e escrita são contemplados.

Veja o passo a passo:

- a) a professora propõe às crianças que relembrem os temas tratados pelo entrevistado e registra a lista de temas no quadro;
- b) a professora, atuando como escriba do grupo, registra no quadro o texto que relata a entrevista, a partir das sugestões das crianças;
- c) se as crianças já escrevem com desenvoltura, em vez de registrar no quadro, a professora distribui os temas às crianças para que, individualmente ou em duplas, escrevam o que o entrevistado falou sobre o tema. Na sequência, ela organiza as contribuições e elabora um texto final a ser revisado pelo grupo;
- d) o texto final pode ser, então, digitado pelas crianças, no computador da escola.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

A transcrição é a passagem literal do discurso oral para o textual. É um processo longo e demorado que demanda tempo e paciência. Por isso, no trabalho com História Oral como recurso pedagógico, este desafio só é indicado para os últimos anos. Para os anos iniciais, já recomendamos o trabalho com texto coletivo.

Deve-se ouvir o áudio da gravação, pausando-o de tempos em tempos para que o aluno possa escrever ou digitar o que foi falado. Pode-se identificar os entrevistadores pela inicial “P” e o entrevistado pela inicial “E”.

Outra possibilidade é ouvir um trecho da entrevista, perguntar aos alunos o que foi dito, ouvir novamente

para tirar as dúvidas e, somente então, escrever ou digitar o conteúdo. Transcrições de pequenos trechos de diálogos e filmes são muito utilizados como recurso pedagógico nas aulas de língua estrangeira, por exemplo. Isso exige dos alunos atenção, conhecimento gramatical e vocabulário. Para o sucesso desse tipo de atividade, escolha uma pequena história de tantas as contadas ao longo da entrevista pelo narrador. Assim, a atividade não levará muito tempo e não se tornará enfadonha.

Os textos produzidos pelos alunos merecem ser revisados por eles próprios, pelo grupo e pelo professor, já que são dirigidos a outras pessoas.

Dicas:

- a) a revisão ajuda a garantir a eficiência da comunicação;
- b) na escola, a revisão contribui para o processo de aprendizagem e deve ser feita a fim de que o aluno aprenda a fazê-la com autonomia.

ANEXO – MODELO DE AUTORIZAÇÃO DE USODE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu _____,
RG _____, (CPF) _____, nascido em ____/____/____, residente
_____, nº _____,
bairro _____, cidade de _____, declaro ceder à
_____ (nome da escola) _____, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos
patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico
e documental que prestei à _____ (nome do entrevistador) _____ na cidade de
_____, em (data) _____, que fica consequentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e científicos, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos,
com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Também autorizo a reprodução da minha imagem, captada em fotografias e/ou vídeos, para fins culturais
e científicos, em qualquer tipo de mídia, publicações e exposições, no Brasil ou no exterior, por todo
meio de comunicação existente ou que venham a ser criado, pela _____ (nome da
escola) _____ localizada em _____, sem quaisquer restrições quanto aos
seus efeitos patrimoniais e financeiros, cedendo a plena propriedade e os direitos autorais sobre as
mesmas.

Local e data: _____

Assinatura do depoente: _____

Telefones: _____

E-mail: _____

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.
- FREIRE, Patrícia Sá. Memória organizacional e seu papel na gestão do conhecimento. *Revista de Ciências da Administração*. v. 14, n 33, pp 41-52, ago 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.
- MAGALHÃES, Maria Valéria B.; SANTHIAGO, Ricardo. *História oral na sala de aula*. São Paulo: Autêntica, 2015. Coleção Práticas Docentes.
- MEIHY, José Carlos S. *Manual de História oral*. São Paulo, Edições Loyola, 2002.
- MONTENEGRO, Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p. 2 a 15, 1989.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA. Para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. Brasília: Fundação Banco do Brasil/Abravídeo; São Paulo: Museu da Pessoa, 2008.

SUGESTÕES DE LEITURAS

- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire*. Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989. – (Obras escolhidas; v.3)
- _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras

escolhidas; v.1)

BENADIBA, Laura. *Espacios y prácticas em la Historia oral*. Experiencias desde El compromiso. Ituziangó: Maipue, 2013.

_____ (org.) *Recursos metodológicos para enseñar ciencias sociales*. La Historia oral, os jóvenes y el pasado. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2013.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz/ Editora da USP, 1987.

BRASIL MEMÓRIA EM REDE: um novo jeito de conhecer o país. São Paulo: Museu da Pessoa; Itajaí, SC: Editora Casa Aberta, 2010.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia*: a Escola dos Annales, 1929-1989. São Paulo: Editora Unesp, 1992. 2ª edição.

CAMARGO, Aspásia. *Programa de história oral, catálogo de depoimentos*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Instituto de Direito Público e Ciência Política, Fundação Getúlio Vargas, 1981.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral*: memória, tempo e identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *História oral, Sociologia e Pesquisa*: a abordagem do CERU. São Paulo: Humanitas, 2010.

DI FELICE, Massimo; TORRES, Juliana; YANAZE, Leandro. *Redes digitais e sustentabilidade*: as interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume, 2012.

GUIA HISTÓRIAS DA NOSSA TERRA: um trabalho com memória oral na escola. Uberlândia: Instituto Algar de Responsabilidade Social; São Paulo: Instituto Avisa Lá: Museu da Pessoa, 2007.

HARGREAVES, Andy. O ensino como profissão paradoxal. *Pátio*. Porto Alegre, ano IV, n. 16, fev/abr 2001.

HISTÓRIA FALADA. Memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC/SP, Museu da Pessoa, 2006.

KERCKHOVE, Derrick. *A pele de cultura*. São Paulo: Annablume, 2009.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *Educação e museus*: sedução, risco e ilusões. Revista Ciência&Letras. Educação e Patrimônio Histórico-Cultural, Nº: 27. Edição: jan./jun. 2000. 349 p.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PACHECO, Lilian. *A reinvenção da roda da vida*. Lençóis (BA): Grãos de Luz e Griô, 2006.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

Projeto didático para a construção de documentário: uma possibilidade de experiência popular em escolas públicas / Rui G.M. Mesquita (org.) .
– Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. 119p. Vários autores.

RANZI, Serlei Maria Fischer. *Fontes orais, História e saber escolar*. I Congresso Brasileiro de História da Educação, Rio de Janeiro, 2000.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. *Educação não-formal: um conceito em movimento*. IN-Visões singulares, conversas plurais. ET al. – São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

TESOUROS DO BRASIL. Guia de atividades e livro do professor. São Paulo: La Fabbri, s.d.

TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da História oral no discurso da História contemporânea. IN MORAES, Marieta de. *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro/Finep, 1994.

VIDIGAL, Luís. *Os testemunhos orais na escola*. História Oral e projectos pedagógicos. Lisboa: Edições Asa, 1996.

WHITAKER, Dulce. A transcrição da fala do homem rural: fidade ou caricatura? IN: WHITAKER, Dulce. *Sociologia rural: questões metodológicas emergentes*. São Paulo: Letras à Margem, 2002

WORCMAN, Karen; OLIVEIRA, Cláudia Leonor. *Memórias do comércio paulista: guia de acervo*. São Paulo: SESC São Paulo, Museu da Pessoa, 2012.

FICHA TÉCNICA

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

PRESIDENTE

Dilma Rousseff

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Aloizio Mercadante

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

PRESIDENTE

Paulo Rubem Santiago

DIRETORIA DE MEMÓRIA CULTURA E ARTE (MECA)

Hélcio de Mattos

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE

COORDENADOR GERAL MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE

Maurício Antunes Tavares

COORDENAÇÃO DE AÇÕES EDUCATIVO-CULTURAIS

Mariana Ratts (Coordenação)

Ana Carmem Palhares, Edna Silva, Graça Vasconcelos Silva (Assessoria Educativa)

Alisson Henrique Pereira, Cássio Lyra, Daniel Pereira, Enerson Silva, Igor Amarante, Isabelle França, Luan Nascimento, Mayana Rodopiano, Nathalia Sá, Nayara Passos, Olga Fernandes, Polliana Mariano, Rebecka Borges (Assistência Educativa)

Atã Iakowski, Ariana Nuala Reithler, Bruno Leon, Ellielton Leite, Fábio Melo Júnior, Gleyciane Silva, Graziella Queiroz, Guilherme Andrade, Hygor Gonçalves, João Lourenço, João Victor Souza, José Luiz Mariano, Leandro Santoianni, Marcos Aurélio, Matheus José Machado, Pedro Melo, Rayana Mendonça, Rayanne Santos, Rayza Bazante, Thiago Andrade e Valquíria Nepomuceno (Mediação Cultural)

Ana Claudia da Silva, Caliny Silva, Estela Farias e Letícia Freitas (Estagiárias Ensino Médio)

COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E AÇÕES COMUNITÁRIA

Henrique Cruz (Coordenação)

Eduardo Castro, José Luiz Silva e Silvia Paes Barreto

Marília Bivar (Estagiária)

COORDENAÇÃO DE EXPOSIÇÃO E AÇÕES CULTURAIS

Simone Luizines (Coordenação)

Rafaela Carneiro (Produção)

Camila Regueira (Estagiária de Design)

DIVISÃO DE MUSEOLOGIA

Albino Oliveira (Coordenação)

Ciema Mello, Eutrópio Bezerra, Maximiliano Roger, Rizomildo Guedes, Suzianne França e Wilmar da Silva

Igor Ferreira, Ítalo Santiago, João Santos, Marcel Albuquerque, Melquizedec dos Santos Júnior e Salatiel Silva (Estagiários Ensino Médio)

Patterson Duarte e Silvana Vanzo (Estagiários de Museologia)

Ademário de Freitas (*in memoriam*)

ADMINISTRAÇÃO E SECRETARIA

Elizabeth Dobbin (Coordenação)

Alexandre Souza, Ítala Serrath, Josineli Nascimento, Marcos Braz e Marcos Silva (Administração)

Gilvanice da Silva e Priscília Coelho (Secretárias)

RECEPÇÃO

José Valdir dos Santos, Laissa Lima, Sibelli Alves e Thaís dos Santos

LOJA

Gilvânia da Silva e Jaqueline da Silva

SERVIÇOS GERAIS

Amaro Barbosa, João Barbosa do Nascimento, Jocemar Sebastião de Oliveira, Sandra Santos, Rosenilda da Silva e Rubem de Lima.

Cícero Cosme da Silva (*in memoriam*)

EDITORA MASSANGANA

Monica Crisostomo Johnston (Coordenadora)

Anita Carneiro (Coordenadora Administrativa)

Rosângela Mesquita (Chefe de Serviço de Editoração)

Mônica Oliveira (Supervisora de Comercialização e Marketing)

Camila Lauria (Secretaria)

EQUIPE PROJETO MEMÓRIA SOCIAL NA ESCOLA

COORDENAÇÃO

Maurício Antunes e Mariana Ratts

CONSULTORIA

Cláudia Leonor G. A. Oliveira

EQUIPE ATUANTE NO PROJETO – MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE

Edna Silva, Isabelle França, Sílvia Barreto, Mariana Ratts.

Estela Farias, Eduardo Castro e Nayara Passos (Estagiários)

ENGENHO MASSANGANA

Enerson Silva

Igor Amarante (Estagiário)

SERVIÇO EDUCATIVO DO ESPAÇO CULTURAL MAURO MOTA

Adriana Aguiar (Coordenação de Mediação)

Cássio Lyra, Elielton Leite e Kayamar Panzarini (Estagiários)

CENTRO DE ESTUDOS E DE DOCUMENTAÇÃO DA HISTÓRIA BRASILEIRA (CEHIBRA)

Semada Ribeiro Alves de Azevedo

COORDENAÇÃO-GERAL DE ESTUDOS AMBIENTAIS E DA AMAZÔNIA (CGEA)

Janirza Cavalcante da Rocha Lima

COLABORADORES DO PROJETO

Alisson Henrique Pereira, Fernanda Silva, Hacsa Oliveira, Raysa Louisier, Sílvia Brasileiro, Graça Vasconcelos.

OFICINA DE REQUALIFICAÇÃO DO USO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS

Luiz Santos

OFICINA DE CINEMA E PRODUÇÃO DE VÍDEO

André Huchi Dib, Gabi Saegesser e Jucélio Matos

MOTORISTAS

Célio Malaquias da Silva Filho, Edjociano Ciriaco, Ernandes José da Silva, Flávio Nascimento, João Carlos Ferraz Cintra, Rinaldo Batinga, Rinaldo Luiz, e Sandro Carvalho da Silva.

TEXTOS

Museu, Memória e Escola e A construção de um projeto de memória social na escola

Mauricio Antunes, Mariana Ratts, Isabelle França e Cláudia Leonor G. A. Oliveira.

Narrativa do projeto nas escolas

Adriana Aguiar, Cássio Lyra, Edna Silva, Eduardo Castro, Elisabeth Ramos, Enerson Silva, Fernanda Silva, Igor Amarante, Isabelle França, Mariana Ratts, Nayara Passos, Raysa Louisier e Sílvia Barreto.

ORGANIZAÇÃO DO E-BOOK

Maurício Antunes Tavares, Mariana Ratts Dutra e Isabelle dos Santos França

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Olívia Mindêlo

FOTOGRAFIAS

Alunos e professores das Escolas participantes do Projeto Memória Social na Escola

Equipe Museu do Homem do Nordeste

Equipe de Transporte da Fundação Joaquim Nabuco – Rinaldo Luiz e Rinaldo Batinga

Equipe Assessoria de Comunicação da Fundação Joaquim Nabuco

Luiz Santos

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Zoludesign